

COFTA, a outra história de Alcobaça
Requalificação da zona industrial e da envolvente
do rio Alcoa

Ricardo Mendes Tereso

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Tiago de Almada Cardoso Proença de Oliveira

abril de 2022

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao professor doutor Tiago Oliveira, orientador desta dissertação, por todo o empenho e tempo dedicado, agradeço também ao senhor Fernando Matias, arquiteto da Câmara Municipal de Alcobaça pela disponibilidade e contextualização histórica numa fase inicial deste trabalho. Agradeço também ao Senhor Dr. Paulo Inácio, na altura Presidente da Câmara Municipal que autorizou a cedência da topografia para a realização deste trabalho. Agradeço também à minha família e amigos pela paciência e tempo dedicado ao mesmo, nomeadamente ao Tiago Alexandre, Beatriz Rodrigues e Ricardo Costa pela ajuda nas visitas ao local, à Cindy Godinho, Anabela Soares, José Ponciano, Alessandro Figueiroa e João Gomes pela troca de ideias e correção de textos. Ao prof. Doutor Clemente Pinto pelo apoio prestado no dimensionamento e aconselhamento em questões estruturais.

Resumo

Torna-se cada vez mais evidente a importância de os municípios cultivarem a sua identidade, para que possam ser valorizados pelo que de melhor têm para oferecer. É por isso necessário cuidar do seu património cultural, já que o conhecimento do passado é fundamental para construir o futuro.

Alcobaça conta com um importante legado dos monges da ordem de Cister, mas o seu acervo vai para além disso. A sua rica rede hidrográfica, reconhecida e aproveitada pelos monges, foi também utilizada, anos mais tarde, pelos fundadores da COFTA.

A COFTA, uma antiga indústria de fição e tecidos, foi fundada em 1875, e cessou o seu funcionamento em 1998. Esta companhia, que apostou constantemente na inovação e atingiu grande prestígio a nível nacional, foi uma das maiores empregadoras da região, chegando a ter mais de 1200 trabalhadores, sempre com reconhecida preocupação com o setor social. Após o seu encerramento pouco foi feito para preservar o seu espólio, o que resultou na degradação deste património e no seu desconhecimento por parte das novas gerações.

Esta dissertação de mestrado propõe a reabilitação de alguns edifícios da COFTA. Estes edifícios são a Central elétrica, construída em 1926 para substituir os antigos motores a carvão que forneciam energia à Companhia, a converter num museu, o edifício da Assistência Araújo Guimarães, inaugurado em 1936, que alojava as atividades de apoio social, e que acolherá um café, residências artísticas e uma biblioteca, e o antigo Posto de Transformação, que será adaptado para um espaço versátil de exposições.

Propõe-se ainda a criação de um parque de lazer, tirando partido da várzea do rio Alcoa que sem o qual resultaria desconexa a reabilitação dos edifícios. Este parque, com 9,23 hectares, acompanha o rio por mais de 1,4 km e procura atender às necessidades lúdicas da população citadina, recuperando um espaço atualmente devoluto. O projeto explora o potencial do sítio, criando estacionamento e acessos, aproveitando a rede hídrica, os açudes e levadas atualmente degradados. Este procuram também devolver aos alcobacenses o usufruto de um lugar que, para além das suas qualidades espaciais, é significativo para a sua cultura.

Palavras-chave

Rio Alcoa; Alcobaça; Reabilitação; Parque; Central Elétrica; Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça; Museu; Assistência Araújo Guimarães;

Abstract

It is becoming increasingly evident the importance of municipalities cultivating their identity, so that they can be valued for the best they have to offer. Therefore, it is necessary to take care of its cultural heritage since knowledge of the past is essential to build the future.

Alcobça has an important legacy from the monks of the Cistercian order, but its collection goes beyond that. Its rich hydrographic network, recognized and used by the monks, was also used, years later, by the founders of COFTA.

COFTA, a former spinning and fabric industry, was founded in 1875 and ceased operations in 1998. This company, which has constantly invested in innovation and achieved great national prestige, was one of the largest employers in the region, with over 1200 employees, always with a recognized concern for the social sector. After its closure, little was done to preserve its estate, which resulted in the degradation of this heritage and in its oblivion by the younger generations.

This master's proposes the rehabilitation of some of these COFTA buildings. They are the Hydroelectric Power Plant, built in 1926 to replace the old coal engines that supplied energy to the Company, to be converted into a museum, the Assistência Araújo Guimarães building, inaugurated in 1936, which housed social support activities, and will now house a cafeteria, artistic residencies and a library, and the former Transformation Post, which will be adapted into a versatile exhibition space.

The thesis also proposes the creation of a leisure park, taking advantage of the Alcoa River floodplain, without which the rehabilitation of these buildings would be disconnected. This park with 9.23 hectares follows the river for more than 1.4 km and seeks to meet the recreational needs of the city population, recovering a space currently vacant. The project explores the potential of the site, creating parking and accesses, taking advantage of the water network, the dams and trenches that are currently in bad condition, seeking to give back to the people of Alcobça the usufruct of a place that, in addition to its spatial qualities, is significant for their culture.

Keywords

Alcoa River; Alcobaça; Rehabilitation; Park; Hydroelectric Power Station; Alcobaça Spinning and Textile Company; Museum; Assistance Araújo Guimarães;

Índice

01	Introdução	1
1.1.	O Tema	1
1.2.	Objetivo	1
1.3.	Metodologia	2
1.4.	Estrutura	3
02	Contextualização	5
2.1.	Alcobaça	5
2.1.1.	Rio Alcoa	7
2.1.2.	Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça (Mosteiro de Alcobaça)	8
2.2.	Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça	10
2.2.1.	Central Geradora de Eletricidade	13
2.2.2.	Assistência Araújo Guimarães	16
2.2.3.	Posto de Transformação Elétrico	18
2.2.4.	Núcleo Fabril	19
2.2.5.	Habitação Operária	21
2.3.	Projeto Camarário para Pedonalização Integral do Rio Alcoa	22
2.3.1.	Da Nascente (Chiqueda) até a Alcobaça	22
2.3.2.	De Alcobaça até Fervença	22
2.3.3.	Da Fervença até à Foz (Nazaré)	23
03	Projetos de Referência	25
3.1.	Parque COFTA	25
3.2.	Museu da Central Elétrica	28
3.3.	Espaço Araújo Guimarães	29
04	Conjunto COFTA, proposta de requalificação das suas instalações e da envolvente do Rio Alcoa	31
4.1.	Projeto Parque COFTA	32
4.1.1.	Zona A (Entrada Norte de Alcobaça)	38
4.1.2.	Zona B (Central Elétrica)	42
4.1.3.	Zona C (Araújo Guimarães)	44
4.2.	Museu Central de Eletricidade	46
4.2.1.	Processo das visitas ao local	47
4.2.2.	Projeto Museu Central Elétrica	54
4.3.	Projeto Espaço Araújo Guimarães	62
05	Conclusões finais	68

06	Bibliografia	70
07	Desenhos Técnicos	73
7.1.	Tabela resumo	73
7.2.	Peças desenhadas	77

Lista de Figuras

Figura 1 Localização geográfica de Alcobaça (montagem do autor).....	6
Figura 2 Atual Configuração do Concelho de Alcobaça (montagem do autor).....	6
Figura 3 Rio Alcoa - Chiqueda, 2021 (fotografia do autor)	7
Figura 4 Rio Alcoa - centro histórico, Alcobaça, 2021 (fotografia do autor)	7
Figura 5 Rio Baça - antes de coberto, Alcobaça. (fotografia retirada de flemingdeoliveira.blogspot.com).....	8
Figura 6 Rio Baça - depois de coberto, Alcobaça, 2022 (fotografia do autor).....	8
Figura 7 Mosteiro de Alcobaça – antigamente, Alcobaça (fotografia retirada de facebook.com/groups/reliquiasdealcobaca)	9
Figura 8 Mosteiro de Alcobaça – atualmente, Alcobaça (fotografia do autor)	9
Figura 9 Açude, Verão, 2021 (fotografia do autor)	10
Figura 10 Açude, Inverno, 2021 (fotografia do autor)	10
Figura 11 Busto de Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães (fotografia retirada de jeroalcoa.blogspot.com)	11
Figura 12 Título de uma ação da Companhia, 1923 (fotografia retirada de numistoria.com).....	11
Figura 13 CF - fabrica e busto em bronze de Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães na entrada, Alcobaça, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)	12
Figura 14 Horários do Caminho Americano (recorte do Diário Ilustrado de 1877).....	12
Figura 15 Manifestação dos trabalhadores - “Trabalhadores da COFTA não querem o encerramento da empresa”, Alcobaça (fotografia de Fernando José Fotografia)	13
Figura 16 CF - depois do encerramento, Alcobaça (fotografia de Fernando José Fotografia)	13
Figura 17 CGE – Motor Diesel e respetivo gerador (fotografia de (Carvalho L. , 2008)).....	14
Figura 18 CGE - Planta térrea da época. (arquivo de CMA)	14
Figura 19 CGE - vista exterior (fotografia retirada de facebook.com/groups/reliquiasdealcobaca)	14
Figura 20 CGE - Painel de Controlo, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)	15
Figura 21 CGE - Turbinas respetivos geradores, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)..	15
Figura 22 CGE - operários junto de uma das turbinas hidroelétricas, (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))	15
Figura 23 CGE - degradação da Central Geradora de Eletricidade, 1996 (fotografia retirada de uniralcobaca.blogspot.com)	15
Figura 24 CGE - estado atual da Central (fotografias do autor)	16
Figura 25 AAG - construção, 1935 (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))	16
Figura 26 AAG – fachada sul, ao fundo complexo fabril, 1946 (frame de cinemateca portuguesa).....	16
Figura 27 AAG - fachada este, 1936 (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008)).....	17
Figura 28 AAG - fachada norte, 1936 (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))	17
Figura 29 AAG - Educadoras e crianças na creche, (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))	17
Figura 30 AAG - Crianças na creche, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)	17
Figura 31 AAG - estado atual do edifício (fotografias do autor)	18
Figura 32 PTE, fachada principal, 2021 (fotografia do autor)	19
Figura 33 PTE, fachada posterior, 2021 (fotografia do autor)	19
Figura 34 NF, festa comemorativa e núcleo fabril ao fundo, 1934/35 (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))	19
Figura 35 NF, em laboração, 1946 (frame de cinemateca portuguesa).....	19
Figura 36 NF – laboração, teares, 1946 (frame de cinemateca portuguesa).....	20
Figura 37 NF - últimos edifícios fabris, 1956/57 (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008)) .	20
Figura 38 CF - Local de parte do complexo fabril agora demolido, 2022 (fotografia do autor)	20
Figura 39 CF - Edifício principal do complexo fabril, bem conservado, 2022 (fotografia do autor).....	20

Figura 40 HO - habitação operária, ao Fundo Assistência Araújo Guimarães, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)	21
Figura 41 HO - habitação operária, ao Fundo Núcleo Fabril (fotografia retirada de uniralcobaca.blogspot.com)	21
Figura 42 HO – estado atual das habitações operárias (fotografias do autor)	21
Figura 43 HO - imagens atuais do interior (fotografia de supercasa)	22
Figura 44 Parque Verde de Alcobaça, 2019 (fotografia do autor)	23
Figura 45 Avenida Prof. Eng. Joaquim V. Natividade, 2022 (fotografia do autor)	23
Figura 46 Boletim Municipal, Capa, 2020 (imagem de Município de Alcobaça)	24
Figura 47 Trajeto do projeto "Mobilidade Suave", 2020 (imagem de Município de Alcobaça)	24
Figura 48 Al Fay Park, Abu Dhabi, 2021 (fotografia de Philip Fandforth)	25
Figura 49 Al Fay Park -vista superior, Abu Dhabi, 2021 (fotografia de Philip Fandforth)	25
Figura 50 Al Fay Park - mesas de ping-pong, Abu Dhabi, 2021 (fotografia de Mlran Kambic)	26
Figura 51 Promenada, Slovenia, 2014 (fotografia de Mlran Kambic)	27
Figura 52 Promenada - evento noturno, Slovenia, 2014 (fotografia de Mlran Kambic)	27
Figura 53 water Re-Use Project, Sydney Park, 2015 (fotografia de Simon Wood)	27
Figura 54 water Re-Use Project, Sydney Park, 2015 (fotografia de Ethan Rohloff Photography)	27
Figura 55 Pit Art Space, Xangai, 2019 (fotografia de ZY Architectural Photography)	28
Figura 56 reabilitação da Torre del Borgo, 2015 (fotografia de Gianluca Gelmini)	29
Figura 57 reabilitação da Torre del Borgo, 2015 de (fotografia Gianluca Gelmini)	29
Figura 58 SESC Pompeia, pontes, São Paulo, 2019 (fotografia do autor)	30
Figura 59 SESC Pompeia, pontes, São Paulo, 2019 (fotografia do autor)	30
Figura 60 SESC Pompeia, pontes, São Paulo, 2019 (fotografia do autor)	30
Figura 61 Esquema de explicativo dos pontos relevantes, 2022 (elaborado pelo autor)	31
Figura 62 Zonas do parque COFTA, A (Entrada de Alcobaça), B (Central Elétrica) e C (Assistência Araújo Guimarães). (elaborado pelo autor)	33
Figura 63 Via publica (elaborado pelo autor)	33
Figura 64 Habitações próximas do parque (elaborado pelo autor)	33
Figura 65 Serviços (elaborado pelo autor)	34
Figura 66 Pontos de manutenção (elaborado pelo autor)	34
Figura 67 Pontos de atividades (elaborado pelo autor)	35
Figura 68 Percurso principal pedonal e ciclável (elaborado pelo autor)	36
Figura 69 Auditórios / Zonas multifuncionais (elaborado pelo autor)	36
Figura 70 PC - Bolsas de estacionamento (elaborado pelo autor)	37
Figura 71 PC - Pontes pedonais e cicláveis ao longo do parque (elaborado pelo autor)	37
Figura 72 PC - Pormenor da ponte em corte e das infraestruturas (elaborado pelo autor) ..	38
Figura 73 PC - Zona A, Entrada Norte de Alcobaça, desenho 2. (elaborado pelo autor)	38
Figura 74 PC - Axonometria Pérgula, desenho 5. (elaborado pelo autor)	39
Figura 75 PC – Modelação Tridimensional Pérgula, vista oeste (elaborado pelo autor)	39
Figura 76 PC – Pérgula, Corte, desenho 12 (elaborado pelo autor)	40
Figura 77 PC – Pérgula, alçado, desenho 9 (elaborado pelo autor)	40
Figura 78 PC – Pérgula, planta piso térreo (elaborado pelo autor)	41
Figura 79 PC - Pérgula, Modelação Tridimensional, vista Sul (elaborado pelo autor)	41
Figura 80 PC - Zona B, Central Elétrica, desenho 3 (elaborado pelo autor)	42
Figura 81 PC – Auditório da Central Elétrica, planta (elaborado pelo autor)	43
Figura 82 PC - Auditório da Central Elétrica, corte longitudinal (elaborado pelo autor)	43
Figura 83 PC - Auditório da Central Elétrica ACE, modelação tridimensional (elaborado pelo autor)	43
Figura 84 PC - Zona C, Araújo Guimarães, desenho 4 (elaborado pelo autor)	44
Figura 85 PC – Bancadas do Rio Alcoa, planta (elaborado pelo autor)	45
Figura 86 PC - Aqueduto, corte, desenho 17 (elaborado pelo autor)	46
Figura 87 CGE - Vista superior (imagem de Ricardo Costa, edição do autor)	46
Figura 88 1ª visita ao local, 2021 (fotografia do autor)	47
Figura 89 CGE – Átrio, anotações do levantamento, 2021 (fotografia do autor)	48
Figura 90 CGE – Átrio, medição do friso, 2021 (fotografia do autor)	48
Figura 91 CGE – Átrio, guarda desconhecida, 2021 (fotografia do autor)	48

Figura 92 Caminho até á Central G. de Eletricidade, 2021 (fotografia do autor)	49
Figura 93 CGE-, escadas para a Cave Técnica, 2021 (fotografia do autor)	49
Figura 94 CGE - Cave Técnica, abertura no piso da Central, 2021 (fotografia do autor)	49
Figura 95 CGE – Janela Átrio, 2021 (fotografia do autor).....	49
Figura 96 CGE - Túnel de descarga da Turbinas, 2021 (fotografia do autor).....	49
Figura 97 CGE - Central e Tuneis de descarga de água, 2021 (fotografia do autor)	49
Figura 98 CGE - Cave Técnica, apoios do motor diesel e tapamento em pedra, 2021 (fotografia do autor)	51
Figura 99 CGE - Cave técnica, 2021 (fotografia do autor)	51
Figura 100 CGE - Sala do Combustível, 2021 (fotografia do autor).....	51
Figura 101 CGE - Sala dos transformadores, 2021 (fotografia do autor)	51
Figura 102 CGE - Comportas para tanques das turbinas, 2021 (fotografia do autor)	52
Figura 103 CGE - Tanque da Turbina, 2021 (fotografia do autor)	52
Figura 104 CEG – Tuneis, vista exterior, 2021 (fotografia do autor).....	52
Figura 105 CGE - Túnel, vista interior, 2021 (fotografia do autor).....	52
Figura 106 CGE – Átrio, turbinas e parte dos geradores, 2021 (fotografia do autor)	53
Figura 107 CGE – Átrio, turbina fabricado por J.M.Voith (fotografia do autor).....	53
Figura 108 Desenho da Turbina (desenho retirado de www.alamy.com)	53
Figura 109 Desenho em corte da Turbina (desenho retirado de www.alamy.com)	53
Figura 110 Restauro da turbina, Central de Zelina, República Checa, 2016 (fotografia retirada de www.cez.cz)	54
Figura 111 Esquema simplificado, funcionamento da turbina (esquema retirado de www.voith.com)	54
Figura 112 MCE - Localização Central Elétrica em relação ao Parque COFTA. (elaborado pelo autor).....	55
Figura 113 MCE - planta P0, 1 Átrio, 8 Sala dos transformadores, 9 Sala do combustível, 10 Sanitários desenho 23 e 25. (elaborado pelo autor)	56
Figura 114 MGE – Átrio + Mezanino, Modelação tridimensional. (elaborado pelo autor)	56
Figura 115 MCE – planta P-1, 4 Cave técnica, 5 Tuneis, desenho 24. (elaborado pelo autor)	57
Figura 116 MCE – corte pelo Átrio, 1 Átrio, 2 Mezanino, 3 Cobertura percorível, 4 Cave técnica 5, Tuneis e 6 Pala, 11 Jardim de Cobertura, 12 Pérgula de vidro, desenho 33. (elaborado pelo autor).....	57
Figura 117 MCE – corte pelo Mezanino, 1 Átrio, 2 Mezanino, 3 Cobertura percorível, 4 Cave técnica 5 Tuneis, 6 Pala 7 Grua existente, 10 Sanitários, 11 Jardim de Cobertura, 12 Pérgula de vidro, desenho 38 (elaborado pelo autor)	58
Figura 118 CGE - Átrio, Grua (fotografias do autor)	58
Figura 119 CGE – Átrio, vista do painel elétrico (fotografias do autor)	58
Figura 120 MCE - corte pela turbina, 1 Átrio, 3 Cobertura percorível, 5 Túnel, 6 Pala, 13 Tanque, desenho 32 (elaborado pelo autor).....	59
Figura 121MCE – modelação tridimensional da cobertura (elaborado pelo autor)	62
Figura 122 MCE - Esquema de insulação e ventilação natural (elaborado pelo autor)	60
Figura 123 MCE – Axonometria Museu Central Elétrica, desenho 19 (elaborado pelo autor)	59
Figura 124 MCE - Corte pela sala dos transformadores, 3 Cobertura percorível, 5 Tuneis, 6 Pala, 8 Sala dos transformadores, 9 Sala do combustível, 10 Sanitários, 11 Jardim de Cobertura, 12 Pérgula de vidro, 13 Tanques, desenho 37 (elaborado pelo autor)	61
Figura 125 MCE – corte N1, desenho 30(elaborado pelo autor)	61
Figura 126 EAG - Localização do Espaço A. Guimarães em relação ao Parque COFTA (elaborado pelo autor).....	62
Figura 127 EAG - Modelação Tridimensional, Pontes (elaborado pelo autor)	63
Figura 128 EAG – Axonometria, desenho 46 (elaborado pelo autor)	64
Figura 129 AAG - alterações na fachada (fotografia do autor).....	64
Figura 130 PTE – alterações na fachada (fotografia do autor)	64
Figura 131 EAG - planta Piso Térreo, desenho 49 (elaborado pelo autor)	65
Figura 132 EAG – modelação tridimensional (elaborado pelo autor)	67
Figura 133 EAG - planta Piso 1, desenho 48 (elaborado pelo autor)	66
Figura 134 EAG - alçado Sul, desenho 53 (elaborado pelo autor)	65
Figura 135 EAG - modelação tridimensional, Alçado Norte (elaborado pelo autor)	67

Figura 136 EAG - corte N2, desenho 57 (elaborado pelo autor) 66
Figura 137 EAG - corte N1, desenho 56 (elaborado pelo autor) **Erro! Marcador não definido.**

Lista de Acrónimos

COFTA	Companhia Fiação E Tecidos De Alcobaça
UBI	Universidade da Beira Interior
CMA	Câmara Municipal de Alcobaça
AAG	Assistência Araújo Guimarães
PTE	Posto de Transformação Elétrico
CGE	Central Geradora de Eletricidade
MCE	Museu Central Elétrica
EAG	Espaço Araújo Guimarães
CF	Complexo Fabril
HO	Habitação Operária

01 Introdução

1.1. O Tema

A escolha deste tema surge de uma curiosidade do autor que, desde tenra idade, se habituou a ver um edifício amarelo com uma porta com vitral extraordinário, dominado pela vegetação dia após dia. A curiosidade era aguçada pelo seu isolamento e acesso difícil. Até há pouco tempo ainda era desconhecido pelo autor o que aquele edifício era e para que servia, embora houvesse a convicção que, dado a sua imponência, seria algo importante.

Este edifício amarelo é a antiga Central Geradora de Eletricidade da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça (COFTA), a poucos anos de completar um século de existência, localizado no concelho de Alcobaça, entre Alcobaça e Fervença.

Com o desenvolvimento da pesquisa e ao perceber que este edifício se integrava no complexo de uma companhia fiação e tecidos que tinha sido tão fulcral para o desenvolvimento de Alcobaça, decidiu-se alargar a intervenção de forma a proteger o património mais relevante da companhia o que, de resto, ia de encontro a um objetivo da câmara municipal. Esse objetivo consiste na criação de um parque urbano que irá permitir a todos os Alcobacenses o acesso àquele local tão rico de momentos e história.

1.2. Objetivo

Por todo o país somos confrontados com centenas de edifícios com relevo histórico em estado de degradação, Alcobaça não é exceção. A presente proposta de dissertação de mestrado pretende alertar para estado preocupante de degradação dos edifícios da COFTA, Companhia Fiação E Tecidos De Alcobaça, para que o tema venha a estar na ordem do dia e se ressalte a importância e urgência da sua recuperação enquanto é possível.

Esta dissertação pretende também valorizar o envolvente destas instalações e promover a sua acessibilidade, justificada pelo potencial daquele espaço, dotado de uma rede hídrica riquíssima, com açudes e levadas irrigados pelo rio Alcoa, também esta com clara necessidade de reabilitação.

Pretende-se assim propor uma nova visão para o espaço, procurando com isso desencadear uma discussão consciente e desse modo promover as escolhas mais acertadas e benéficas para todos os alcobacenses.

1.3. Metodologia

Numa fase inicial, em que ainda não se tinha a certeza se iria ser este o local a tratar, foram feitas as primeiras pesquisas, ainda superficiais, de artigos e documentos escritos, ao mesmo tempo que se usava os recursos online para procurar vistas aéreas e fotografias do local, de modo a tentar compreender a evolução no tempo deste lugar.

Foi estabelecido contacto com o arquiteto da câmara de Alcobaça, Fernando Matias, que se mostrou disponível para ajudar no que estivesse ao seu alcance. Seguiram-se algumas reuniões e conversas que ajudaram muito a preencher vazios da evolução histórica de Alcobaça, e onde foram indicados alguns documentos importantes sobre o local e sobre a COFTA. Um deles era o livro de Leonor Carvalho, com o título *FIOS QUE TECERAM A CIDADE: história da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça (1875 - 1998)*, que se revelou de extrema importância para a realização deste trabalho por fornecer informação detalhada sobre esta companhia, baseada em documentos da própria fábrica.

Numa fase inicial previa-se que este projeto fosse um complemento ao projeto da Câmara Municipal de Alcobaça (CMA) denominado “Mobilidade Suave”, que considera a pedonização de parte do rio Alcoa, propondo a criação de um parque urbano numa secção desse percurso, o que corresponde a um objetivo da CMA para uma fase futura. Essa previsão não se concretizou, dado que a solicitação do projeto “Mobilidade Suave” em abril de 2021 à CMA não foi aceite por se encontrar numa fase sensível. Manteve-se a ideia inicial, sem as condicionantes de um percurso já definido, passando-se também a desenhar o percurso onde este intercetava o parque.

Seguiu-se uma pesquisa mais profunda de artigos, livros e dissertações, em bibliotecas e online. Foram também investigados vários projetos que se consideraram de referência.

Foram feitas várias visitas ao local em que, à exceção da planta topográfica, todo o levantamento dimensional foi feito pelo autor, o que acarretou dificuldades dado a escala dos edifícios, a vegetação e a presença de zonas inundadas.

Já durante a elaboração do projeto foram tidas várias reuniões com o professor doutor Clemente Martins Pinto, engenheiro civil e docente da UBI, com a finalidade de esclarecer dúvidas estruturais.

Durante todo este percurso foram sendo realizadas reuniões regulares com o orientador desta dissertação em que eram debatidos os vários assuntos do momento.

1.4. Estrutura

A estrutura da presente dissertação é composta por 7 capítulos: Introdução; Contextualização; Projetos de Referência, Conjunto COFTA; Conclusão; Bibliografia; Desenhos Técnicos.

No primeiro capítulo, **Introdução**, explica-se o que levou à escolha deste tema, os objetivos pretendidos com este trabalho, como foi feito e como está organizado.

O segundo capítulo, **Contextualização**, serve essencialmente para contextualizar a história de Alcobaça, a sua sociedade e a sua geografia, sempre que se acha relevante, não só para a compreensão da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça e do seu espaço envolvente, como para uma perceção mais ampla. Esta contextualização não é exaustiva, trata-se de uma súpula de pontos importantes direta ou indiretamente para esta dissertação.

O terceiro capítulo, **Projetos de Referência**, passa em revista alguns projetos de referência que foram essenciais para a conceção do projeto.

O quarto capítulo, **Conjunto COFTA, proposta de requalificação das suas instalações e da envolvente do Rio Alcoa**, corresponde à explanação do projeto que engloba 3 projetos interligados entre si, o **Parque COFTA**, projeto de um parque de lazer urbano que, devido à sua extensa área foi dividido em várias zonas, o **Museu Central Elétrica**, projeto de reabilitação de uma antiga Central Geradora de Eletricidade quase centenária, e o **Espaço Araújo Guimarães**, projeto de reabilitação da Assistência Araújo Guimarães e do Posto de Transformação Elétrico.

O quinto capítulo, **Considerações Finais**, apresenta uma reflexão sobre o resultado da dissertação, e procura ressaltar os elementos importantes.

No Sexto e Sétimo capítulo, **Biografia** e **Desenho Técnico** respetivamente, encontram-se as referências bibliográficas utilizadas para este trabalho e as peças desenhadas que descrevem o projeto de forma rigorosa.

02 Contextualização

Para contextualizar a história da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça é necessário falar dos seus antecedentes, da sociedade e da geografia da cidade de Alcobaça, na medida da sua relevância para uma perceção mais ampla do contexto.

É importante falar do Rio Alcoa, pois é ele o motor de tudo, sem ele não havia fabrica, não havia central elétrica, e não havia aquele pedaço de mundo perfeito com todas aquelas imperfeições.

Imprescindível será também referir a ordem de Cister, que, para além de um monumento majestoso, o Mosteiro de Alcobaça, nos deixou, entre outras coisas, um imponente açude que resiste até aos dias de hoje e alimenta a antiga Central Geradora de Eletricidade da Companhia.

A história da própria COFTA é indispensável para perceber como foi a sua evolução ao longo de mais de um século, atravessando problemas sociais, económicos e políticos.

Por último, é necessário analisar os planos e intenções por parte do Município para o futuro, ambiciosos em parte dados os contextos económicos que as câmaras enfrentam, mas que virão sempre tarde para um património em ruínas em que cada dia que passa é um dia a mais.

2.1. Alcobaça

Alcobaça localiza-se em Portugal, na zona centro, no distrito de Leiria, e é um território muito vasto, com mais de 40 mil hectares e uma longa costa marítima (Mosteiro de Alcobaça, s.d.).

A origem como vila surge a partir de uma antiga população Romana, tendo mais tarde adquirido a designação Árabe de Al-cobaxa, que resulta da composição do artigo “al” que é característica do nome das freguesias do concelho, e “cobaxa” que significa carneiros, característicos das paisagens montanhosas em torno da vila (Mosteiro de Alcobaça, s.d.).

Em 1153, o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, atribuiu a “Carta de Couto” à Ordem de Cister, conferindo-lhe um território de cerca de 44 mil hectares cujos limites iam da Serra dos Candeeiros até à costa marítima. Nessa área, que ainda veio a sofrer

alterações ao longo das décadas, os monges de Cister chegaram a ser senhores de 13 vilas, que viriam a formar o concelho de Alcobaça, à exceção de 2, Santa Catarina (pertence ao concelho de Caldas da Rainha) e Nazaré (na época denominada de Pederneira). (Mosteiro de Alcobaça, s.d.)



Figura 1 Localização geográfica de Alcobaça (montagem do autor)

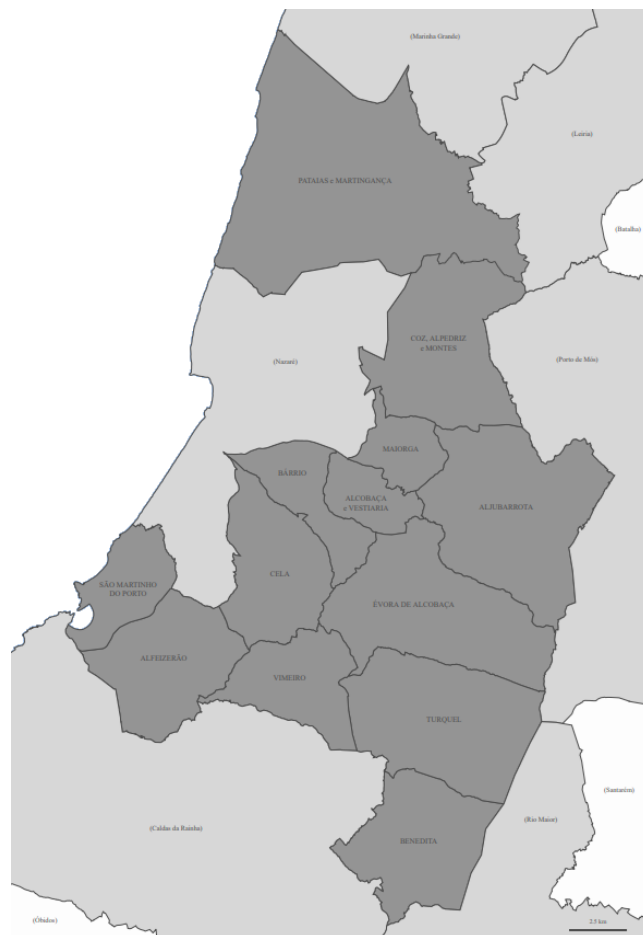


Figura 2 Atual Configuração do Concelho de Alcobaça (montagem do autor)

O Concelho de Alcobaça é atualmente o 2º mais populoso do distrito de Leiria e foi elevada ao estatuto de cidade a 30 de agosto de 1995 (INE, 2021).

A identidade de Alcobaça é muito marcada por produtos/marcas que lhe conferem identidade, como é o caso da Maçã de Alcobaça, a Loiça de Alcobaça, Chita de Alcobaça, Ginja de Alcobaça e Doces Conventuais (Município de Alcobaça, s.d.).

Alcobaça é banhada pelo Rio Alcoa e pelo seu afluente, Rio Baça, ambos nascem no concelho de Alcobaça, e é já depois do rio Baça afluído no Alcoa é que desagua no concelho da Nazaré (Cordeiro, 2015).

2.1.1. Rio Alcoa

O rio Alcoa nasce no vale da Ribeira do Mogo, na localidade de Chiqueda, Concelho de Alcobaça a cerca de 610 m de altitude, alimentado por 3 nascentes principais, o Poço Suão (uma gruta com braço de água subterrâneo), Mãe d'Água (nascente que alimenta a conduta de água potável até ao mosteiro com 3,2 km) e o Olhos Fróis, as 3 são relativamente próximas a que lhes é dado o nome “Olhos de Água de Chiqueda” (Cordeiro, 2015) (Teixeira Da Silva, 2014). Este rio alimenta moinhos e canais de rega até alcançar a cidade de Alcobaça a 7 km da nascente.



Figura 3 Rio Alcoa - Chiqueda, 2021 (fotografia do autor)



Figura 4 Rio Alcoa - centro histórico, Alcobaça, 2021 (fotografia do autor)

E já no centro da cidade, no atual Jardim do Amor e Biblioteca Municipal, que aflui no Rio Alcoa o Rio Baça.

O Rio Baça nasce na localidade Vimeiro, concelho de Alcobaça e conta com aproximadamente 12 km desde a nascente até se juntar ao Rio Alcoa. Este foi alvo de tunelamento em praticamente todo o seu traçado na cidade de Alcobaça (na época, vila de Alcobaça). Este túnel ronda os 680 metros de extensão e foi inaugurado em 1938, sendo o ministro Duarte Pacheco o mentor desta obra, fruto de uma ideologia cedo ultrapassada em que é inconveniente, esconde-se, e como à época o Rio Baça era um “esgoto” a céu aberto o que gerava desconforto e mau cheiro aos habitantes (Tavares P. , 2016). A estrutura é digna da melhor construção cisterciense, magnífica estrutura em abóbada de berço toda em pedra aparelhada e em perfeito estado de conservação, sendo que na época já se usava betão (Teixeira Da Silva, 2014).



Figura 5 Rio Baça - antes de coberto, Alcobaça.
(fotografia retirada de
flemingdeoliveira.blogspot.com)



Figura 6 Rio Baça - depois de coberto, Alcobaça, 2022
(fotografia do autor)

O Rio Alcoa segue, já com o afluente Rio Baça, em direção ao mar, e menos de 1 km após sair do centro urbano atravessa a antiga Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça, local onde está previsto o futuro “Parque Verde da Fervença” (capítulo 2.3.3), onde se enquadra o Conjunto COFTA desta dissertação. É nesse troço do rio, entre Alcobaça e Fervença, que passa por um açude [Figura 10] feito pela Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça há cerca de 470 anos, de onde sai uma levada que alimenta a antiga Central Geradora de Eletricidade e os campos da Maiorga (Maduro, 2016, p. 53).

Percorrido um total de 19 km, o Rio Alcoa desagua no Oceano Atlântico, no concelho da Nazaré (Teixeira Da Silva, 2014).

2.1.2. Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça (Mosteiro de Alcobaça)

Sobre o vasto património, conhecimento e técnicas, deixados pelos Monges da Ordem de Cister que fundaram a Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, há muito a dizer, mas para este trabalho vamos nos cingir principalmente ao que une esta abadia à Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça, a rede hídrica de Alcobaça.



Figura 7 Mosteiro de Alcobaça – antigamente, Alcobaça (fotografia retirada de [facebook.com/groups/reliquiasdealcobaca](https://www.facebook.com/groups/reliquiasdealcobaca))



Figura 8 Mosteiro de Alcobaça – atualmente, Alcobaça (fotografia do autor)

A Abadia de Alcobaça foi fundada em 1153, após D. Afonso Henriques atribuir a “Carta de Couto” à Ordem de Cister, conferindo o domínio de uma vasta área com cerca de 44 mil hectares. Este espaço era rico em área florestal, terrenos agrícolas e linhas de água (Mosteiro de Alcobaça, s.d.).

A abadia de Santa Maria de Alcobaça constituiu uma das mais importantes casas cistercienses da Península Ibérica no emergente Reino de Portugal. A construção do imponente mosteiro iniciou-se em 1178, tendo os trabalhos de construção prosseguido por várias décadas. Situa-se numa pequena plataforma aluvio-sedimentar (a cerca de 1,5 km da que vira a ser a COFTA) criada na confluência de duas linhas de água, os Rios Alcoa e Baça. (Tavares J. P., 2003, p. 17)

Durante mais de seis séculos, muitos foram os feitos deixados pelos monges. Para além do magnífico mosteiro, herdamos muito conhecimento e património das suas técnicas hidráulicas. O rio Alcoa é um exemplo bem claro disso, bastante modificado, quer no seu trajeto, quer pela criação de açudes, levadas e moinhos. (Tavares J. P., 2003, p. 17)

No ano de 1552, a ordem de Cister determina assentar o lagar de Azeite no lugar de uma fábrica de papel na Fervença (Maduro & Rasquilho, 2021, p. 567). O complexo da Fervença tinha a maior concentração de unidades industriais dos monges, com os seus três moinhos (de Baixo, do Meio e de Cima) e lagar de azeite (Maduro, 2016, p. 53).

Para o serviço dos moinhos e lagar de azeite manda-se levantar um imponente açude [Figura 10] e valas, obra que se deve à intervenção do cardeal D. Henrique. Esse açude assim como o lagar e alguns moinhos situam-se nos terrenos da antiga Companhias Fiação e Tecidos de Alcobaça (Maduro, 2016, p. 53). O açude resiste até aos dias de hoje, as restantes construções deram lugar às instalações da COFTA.



Figura 9 Açude, Verão, 2021
(fotografia do autor)



Figura 10 Açude, Inverno, 2021 (fotografia do autor)

Em 1834, foi determinada a extinção das Ordens Religiosas por Decreto de Outorga Real em Portugal, o que obrigou os monges cistercienses a abandonar o país pela primeira vez em séculos. A retirada dos monges permitiu finalmente aos alcobacenses conhecer o interior do mosteiro, que, após isso, foi nacionalizado. (Mosteiro de Alcobaça, s.d.)

Com a extinção da Ordem, os bens da Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça vão a hasta pública, sendo o complexo da Fervença adquirido por Bernardo Pereira de Sousa. A herdeira, Ana Pereira de Sousa da Trindade, vai dar de aforamento perpétuo, em 1875, o prédio de moinhos e lagar a Joaquim Ferreira D'Araújo Guimarães, com a obrigação do foreiro estabelecer no prazo de quatro anos uma fábrica de fiação e tecidos, o que conduziu à demolição do conjunto (Maduro, 2016, pp. 53,54).

2.2. Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça

Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães, nasceu em 1829, natural de Guimarães. Empreendedor por natureza, estabeleceu atividade no Brasil por vários anos, e quando do regresso a Portugal, já com 39 anos, viria a Alcobaça pela primeira vez a convite de Bernardino Lopes Oliveira, seu amigo há vários anos. Como consequência dessa visita, Araújo Guimarães terá abraçado e levado à concretização a ideia de uma fábrica de fiação em Alcobaça, motivado pelo grande potencial do local e do motor natural da água proveniente da confluência dos dois rios, Alcoa e Baça. (Carvalho L. , 2008, pp. 15,16)

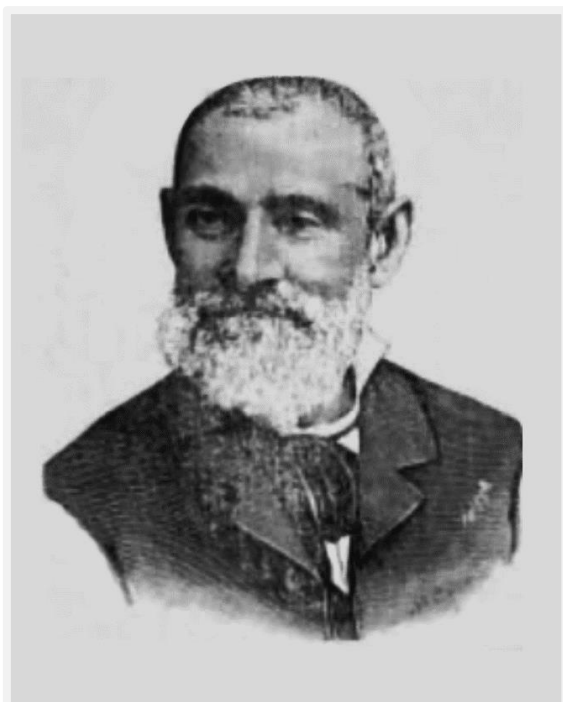


Figura 11 Busto de Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães (fotografia retirada de jeroalcoa.blogspot.com)

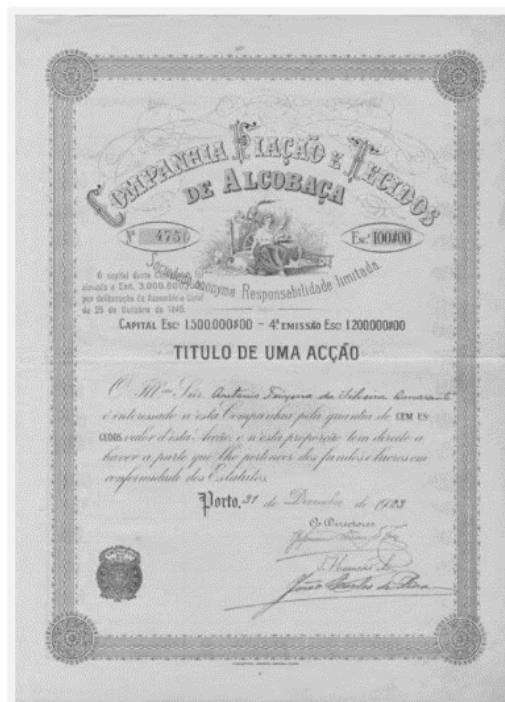


Figura 12 Título de uma ação da Companhia, 1923 (fotografia retirada de numistoria.com)

Fruto do esforço de Araújo Guimarães, a Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça, Sociedade Anónima de responsabilidade Limitada, inicia oficialmente a 3 de fevereiro de 1875, com 133 acionistas e sede no Porto. Pode parecer insólita a distância entre a sede e a unidade produtora, mas isso deve-se ao facto da maioria dos acionistas residirem no Porto e por, à época, esta cidade ser um importante centro da indústria algodoeira. A companhia tinha como foco a fiação e tecelagem de algodão. (Carvalho L. , 2008, pp. 15,16,18,20)

Araújo Guimarães foi o primeiro diretor, e aí se manteve até à sua morte em setembro de 1898, sendo sempre muito acarinhado por toda a vila de Alcobaça, chegando a desempenhar por mais de uma vez o cargo de presidente da Câmara (Carvalho L. , 2008, pp. 15,16, 87).

O local da implementação do complexo fabril da Companhia passou por várias fases na sua história. Vários autores relatam a existência de uma fábrica de papel em 1537, que anos mais tarde, em 1552, a mando dos frades foi convertida num lagar de azeite, onde, de 1774 até às invasões Francesas (1810), viria a funcionar uma fábrica de tecidos que afamou os “lenços de Alcobaça” (Carvalho L. , 2008, pp. 15,16). Após o encerramento desta última nada mais houve até à chegada da COFTA, apenas planos que não se concretizaram. (Maduro, 2016, p. 53)



Figura 13 CF - fabrica e busto em bronze de Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães na entrada, Alcobaça, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)

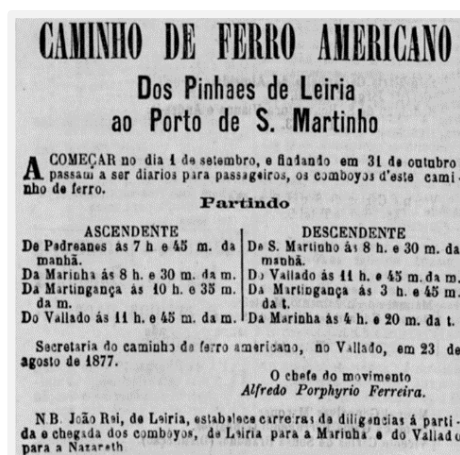


Figura 14 Horários do Caminho Americano (recorte do Diário Ilustrado de 1877)

Alcobaça era um lugar privilegiado para o desenvolvimento industrial, com energia hídrica que funciona como motor natural sem custos, boas vias de comunicação e um caminho real que permitia um rápido acesso ao Valado dos frades (2 km de distância), local que era provido do Caminho Americano (veículo de tração animal sobre caminhos de ferro) e permitia a ligação ao porto de São Martinho do Porto a 14 km, importante para ligações marítimas (Imprensa Comercial, 1876, p. 45) (d'Azevedo, 2017). Já se falava à época de uma via-férrea com tração motora para substituir o americano, o que se veio a concretizar logo em 1887 (Carvalho L. , 2008, p. 17).

Em 1875, durante o processo de construção da fábrica, surgiu o primeiro contratempo. Devido às cheias do rio, um muro de um edifício em construção desabou, o que atrasou mais o início da laboração. No início da Companhia foi construído de raiz um edifício para a fábrica e foi convertido o antigo lagar para depósito de algodão. (Carvalho L. , 2008, p. 20)

A inauguração aconteceu a 2 de fevereiro de 1878, passando a partir deste ano a laborar com regularidade e eficiência. Esta companhia que chegou a ser das mais prestigiadas a nível nacional, apostando constantemente na inovação, mas manteve uma preocupação constante pelo setor social dos operários, chegando a empregar mais de 1200 pessoas. (Carvalho L. , 2008, p. 18)

Abriu insolvência em 1998, o que já há alguns anos se fazia adivinhar, dadas as dificuldades económicas em que se encontrava. A 14 de abril de 1998 aconteceu um leilão público do património da companhia, em que a autarquia apenas ficou com o busto em bronze [Figura 13] do fundador, Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães que estava na

entrada do Complexo fabril desde 1899, altura em foi mandada fazer pela direção após a sua morte. (Carvalho L. , 2008, p. 25)



Figura 15 Manifestação dos trabalhadores - "Trabalhadores da COFTA não querem o encerramento da empresa", Alcobaça (fotografia de Fernando José Fotografia)



Figura 16 CF - depois do encerramento, Alcobaça (fotografia de Fernando José Fotografia)

Após o seu encerramento, nada de concreto foi feito para valorizar/manter o legado da COFTA, a não ser o desbastar pontual do mato que se apodera dos edifícios. Esta situação teve como resultado o desconhecimento pelas novas gerações, e com isso, para além da perda do património físico, a perda de parte da identidade alcobacense.

2.2.1. Central Geradora de Eletricidade

A Central Geradora de Eletricidade é inaugurada em 1926, apesar de a sua importância para a fábrica ser referida nos relatórios desde 1912, pela razão de economia de combustível (Carvalho L. , 2008, p. 47).

O novo edifício era motivo de alegria para a fábrica, não só pela poupança superior ao esperado, mas também por ser um edifício alegre, com espaço e muita luz. Citando uma frase do relatório da companhia: «O novo edifício, sóbrio e elegante, está construído com toda a solidez» (Carvalho L. , 2008, pp. 47,48)

A central era composta por duas turbinas hidráulicas, motor a diesel, geradores, guindaste, entre outros equipamentos complementares, sendo tudo tecnologia avançada para a época e em grande parte importada do estrangeiro, como era comum no processo de industrialização português (Carvalho M. L., 2002, p. 149).

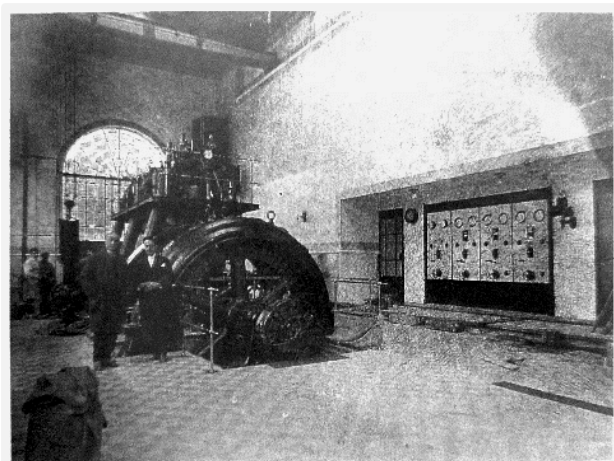


Figura 17 CGE – Motor Diesel e respetivo gerador (fotografia de (Carvalho L. , 2008))

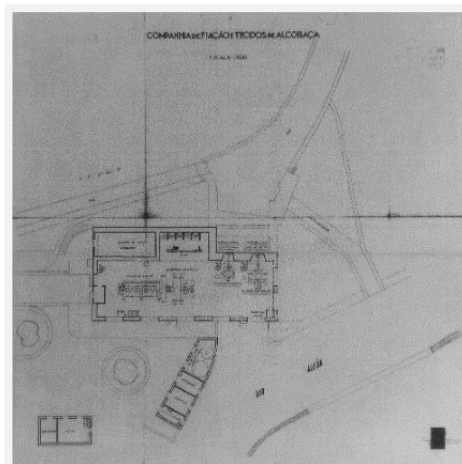


Figura 18 CGE - Planta térrea da época. (arquivo de CMA)



Figura 19 CGE - vista exterior (fotografia retirada de facebook.com/groups/reliquiasdealcobaca)

Laborou praticamente seis décadas sendo encerrada definitivamente em 1985, devido ao custo elevado da produção de energia elétrica em comparação com a oferta externa. Segundo trabalhadores da fábrica, já há vários anos se vinha a deixar de investir na central: «em 1974 ainda havia um senhor a tomar conta da central, mas que já estava tudo muito abandonado» (Carvalho, 2008, pp. 81,146)



Figura 20 CGE - Painel de Controlo, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)



Figura 21 CGE - Turbinas respetivos geradores, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)

Com o desaparecimento da sua função inicial, o edifício ficou sem uso, tendo sido deixado à mercê das condições atmosféricas, da erosão e do envelhecimento natural sem qualquer manutenção.



Figura 22 CGE - operários junto de uma das turbinas hidroelétricas, (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))



Figura 23 CGE - degradação da Central Geradora de Eletricidade, 1996 (fotografia retirada de uniralcobaca.blogspot.com)

Atualmente já sem telhado, com a vegetação a apoderar-se do que ainda escapa, restam apenas os materiais com maior resistência, como o ferro e betão armado, já que o restante não sobreviveu a 30 anos de abandono, pilhagem e vandalismo.

Resta ainda a saudade de parte da população, a que ainda se lembra de ver a central elétrica a funcionar, mas também esta se vai desvanecendo.

Esse estado de degradação é apenas visível a partir da estrada em escassos momentos da curva, e no interior de um veículo, já que essa via não oferece segurança a peões, por não ter iluminação, nem passeio ou berma.



Figura 24 CGE - estado atual da Central (fotografias do autor)

2.2.2. Assistência Araújo Guimarães

O edifício Assistência Araújo Guimarães era referido por um artigo publicado na imprensa local aquando da sua inauguração, a 1 de julho de 1936, desta forma:

«...abriram a mais encantadora casa de assistência que olhos meus tenham visto em terra portuguesa.

Moderna no seu traçado e execução, corresponde perfeitamente ao fim a que se destina a «Assistência Araújo Guimarães» foi admiravelmente completada, nos mais pequenos pormenores, pelo director Exmo. Sr. Fernando Alpino de Carneiro e Sá e por sua filha a Exam. Sra. D. Irene Pires de Sá Vieira Natividade, estupendo temperamento de artista, espontâneo e ao mesmo tempo moderno e portuguesíssimo» (Carvalho L. , 2008, p. 99)

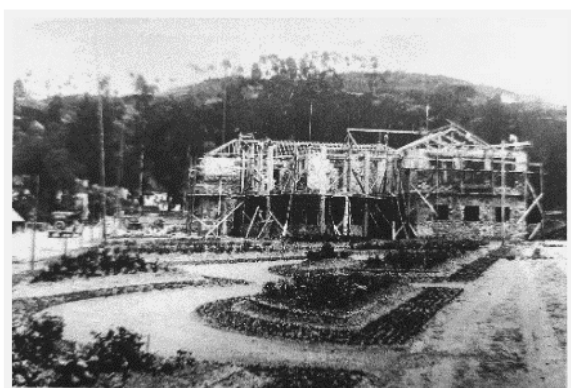


Figura 25 AAG - construção, 1935 (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))



Figura 26 AAG – fachada sul, ao fundo complexo fabril, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)

Atualmente está abandonado, embora ainda mantenha a cobertura, e todas as janelas e portas estão entaipadas com tijolos para evitar vandalismo e pilhagem do que restou.



Figura 31 AAG - estado atual do edifício (fotografias do autor)

2.2.3. Posto de Transformação Elétrico

Sobre o Posto de transformação a informação é muito escassa. Não há informação sobre a sua data de construção, contudo sabe-se que foi depois 1946, dado que num pequeno filme dessa data (Alcobaça - 1946 Cinemateca Nacional) o Posto de transformação não aparece edificado. Acredita-se que tenha sido construído nas décadas de 60 ou 70 do século XX, o que coincide com a altura em que a central hidrelétrica deixou praticamente de funcionar.

Atualmente este edifício encontra-se abandonado, o seu interior nada mais têm que as paredes, e até os buracos das estruturas que suportavam todos os equipamentos, como transformadores e quadros da luz, entre outros, foram estranhamente tapados, como se depois do fim desta função o edifício estivesse para ser adaptado a outra, o que não chegou a acontecer.



Figura 32 PTE, fachada principal, 2021
(fotografia do autor)



Figura 33 PTE, fachada posterior, 2021 (fotografia do autor)

2.2.4. Núcleo Fabril

O Núcleo fabril foi talvez o que mais sofreu alterações e ampliações ao longo dos mais de 100 anos de laboração. Estas modernizações eram importantes e, de certa forma, impostas pela concorrência de novas unidades fabris. Com o crescimento contante da fábrica ao longo dos anos, ela cresceu nos dois lados da estrada que ligava Alcobaça a Fervença, estando o complexo fabril dividido em dois até 1951, altura em que foi possível concretizar o desejo da direção, que mereceu louvores por parte do concelho fiscal, de negociar a mudança do troço dessa estrada. (Carvalho L. , 2008, p. 66)



Figura 34 NF, festa comemorativa e núcleo fabril ao fundo, 1934/35 (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))



Figura 35 NF, em laboração, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)

A Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça conseguiu assim unificar o núcleo fabril, assumindo uma parte dos custos da nova estrada, tendo-lhe sido entregue o troço da antiga estrada assim como os terrenos sobrantes da expropriação, o que trouxe mais-valias, não só para a fábrica como para o lugar que passou a beneficiar de uma estrada com um traçado mais regular. (Carvalho L. , 2008, pp. 66,68)



Figura 36 NF – laboração, teares, 1946 (frame de cinemateca portuguesa)

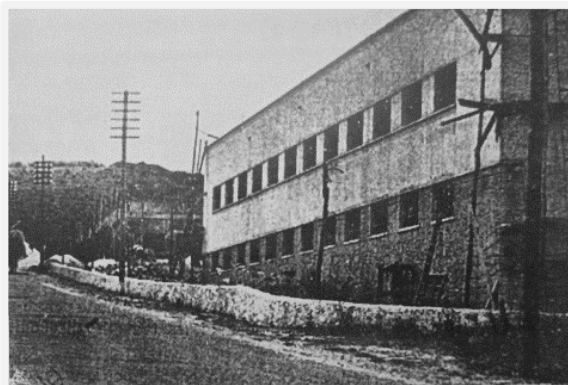


Figura 37 NF - últimos edifícios fabris, 1956/57 (fotografia tirada de(Carvalho L. , 2008))

Entre 1956 e 1957 foram construídos os últimos dois edifícios [Figura 37], menos de 20 anos antes da abertura de insolvência, junto ao novo traçado da estrada. (Carvalho L. , 2008, p. 69)

Atualmente parte do núcleo de produção de têxtil/fabril está convertido numa central de engarrafamento de bebidas, em que o edifício principal está bem conservado como é visível na Figura 39. Os restantes edifícios do núcleo, os mais antigos, foram recentemente arrasados. [Figura 38].

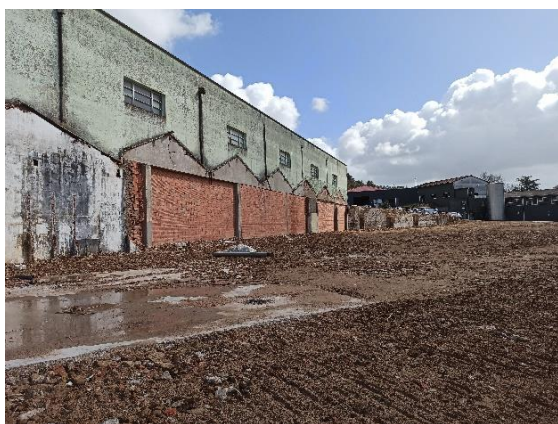


Figura 38 CF - Local de parte do complexo fabril agora demolido, 2022 (fotografia do autor)



Figura 39 CF - Edifício principal do complexo fabril, bem conservado, 2022 (fotografia do autor)

2.2.5. Habitação Operária

As primeiras habitações foram criadas após 3 anos da criação da companhia, em 1878. Com isso a companhia conseguia evitar o desperdício de materiais da construção da fábrica e cumprir as obrigações de moradia que tinha para com alguns empregados. (Carvalho L. , 2008, p. 84)



Figura 40 HO - habitação operária, ao Fundo Assistência Araújo Guimarães, 1946 (frame de cinematoteca portuguesa)

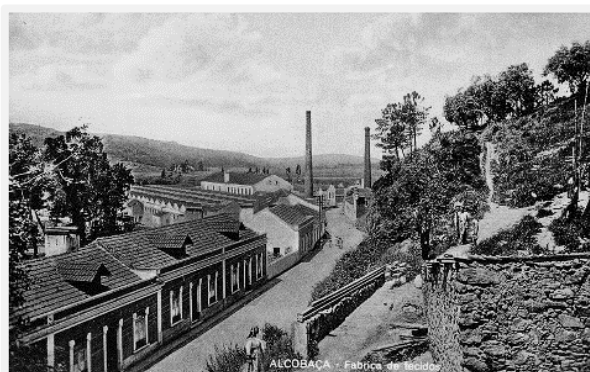


Figura 41 HO - habitação operária, ao Fundo Núcleo Fabril (fotografia retirada de uniralcobaca.blogspot.com)

Ao longo do tempo foi referido nos relatórios a construção de mais casas de operários, nomeadamente entre 1898 e 1900. Uma parte significativa das casas dos operários encontra-se bem conservada e habitada, embora não por operários da COFTA, uma vez que ela já encerrou há mais de 20 anos. O facto de estarem povoadas é uma mais-valia, porque permite preservar não só estas habitações, como também a história desta companhia. (Carvalho L. , 2008, pp. 156, 157)



Figura 42 HO – estado atual das habitações operárias (fotografias do autor)



Figura 43 HO - imagens atuais do interior (fotografia de supercasa)

2.3. Projeto Camarário para Pedonalização Integral do Rio Alcoa

Este é um projeto ambicioso e arrojado em que o município de Alcobaça tem trabalhado para concretizar um percurso pedonal e ciclável desde a nascente à foz, da serra ao mar. Tem por base a água como elo territorial em quatro vertentes: a mobilidade social; a valorização ambiental; estímulo à economia; e atividade turística. (Câmara Municipal de Alcobaça, 2020, pp. 10,11)

O percurso da nascente até à foz conta com 19 km, e está a ser concretizado através de um conjunto de vários projetos, tendo o Parque Verde de Alcobaça marcado o início da sua materialização.

2.3.1. Da Nascente (Chiqueda) até a Alcobaça

O trajeto começará na nascente do rio Alcoa, passará pelos Moinhos de Água de Chiqueda, Parque dos Monges, ligando ao início do Parque Verde de Alcobaça, sendo que esta parte do percurso deverá ser das últimas a concluir. (Câmara Municipal de Alcobaça, 2020, p. 11)

2.3.2. De Alcobaça até Fervença

O percurso continua com o Parque Verde de Alcobaça [Figura 44] inaugurado em 2019, segue para o centro histórico, pelo Jardim do Obelisco, seguido do Mosteiro de Alcobaça e Jardim do Amor (confluência dos rios Alcoa e Baça). Já fora do centro histórico, o

percurso tem ligação com a ciclovia da Avenida Prof. Eng. Joaquim Vieira Natividade [Figura 45] inaugurada em 2022 seguindo rumo ao futuro Parque Verde da Fervença. (Câmara Municipal de Alcobaça, 2020, p. 11)

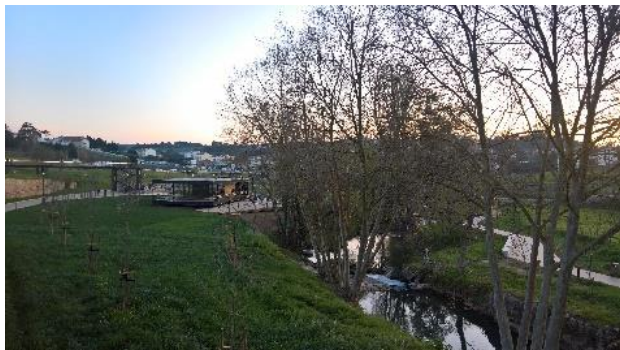


Figura 44 Parque Verde de Alcobaça, 2019 (fotografia do autor)



Figura 45 Avenida Prof. Eng. Joaquim V. Natividade, 2022 (fotografia do autor)

2.3.3. Da Fervença até à Foz (Nazaré)

O percurso continua a partir do futuro Parque verde da Fervença (Açude, Central Geradora de Eletricidade e Assistência Araújo Guimarães) seguido dos Campos agrícolas da Maiorga, da Cela e do Valado dos Frades terminado na foz. Esta fração conta com 14,5 km e 11 travessias entre as margens do rio Alcoa, está integrada no projeto “**Mobilidade Suave**”, projeto conjunto dos municípios de Alcobaça e Nazaré, sendo cerca de 3/5 do percurso no concelho de Alcobaça e os restantes no concelho da Nazaré. O município de Alcobaça assume o estatuto de promotor. (Câmara Municipal de Alcobaça, 2020, p. 11)

O projeto do futuro “**Parque Verde da Fervença**” será inserido em fase posterior numa parte do troço do projeto “Mobilidade Suave”, mais propriamente nos primeiros 1,4 km desse percurso, entre a saída norte de Alcobaça e centro da Fervença. (Câmara Municipal de Alcobaça, 2020, p. 9)

Esta intenção por parte do município está, está descrita no boletim informativo de agosto de 2020: «Devido à potencialidade deste local prevê-se a posteriormente a construção de um futuro parque urbano junto ao açude, dotado das infraestruturas necessárias que permitam usufruir do mesmo como lazer associado ao valor didático do património natural e histórico, constituindo-se como a porta verde de entrada em Alcobaça» (Câmara Municipal de Alcobaça, 2020, p. 9)

Nesse mesmo boletim refere-se que “A Mobilidade Suave deixará as bases para o 2º Parque Verde da cidade (Parque Verde da Fervença), um projeto próprio e dedicado à

valorização do espaço do açude centenário que inclui a requalificação da Central Elétrica e da Casa de Assistência Araújo Guimarães. Este novo parque urbano constituir-se-á como a porta verde poente-norte da sede de concelho com um conjunto de valências de lazer social e de partilha da natureza, respeitando a memória do património industrial da antiga fábrica Companhia Fiação e Tecidos.” (Câmara Municipal de Alcobaça, 2020, p. 10)



Figura 46 Boletim Municipal, Capa, 2020 (imagem de Município de Alcobaça)

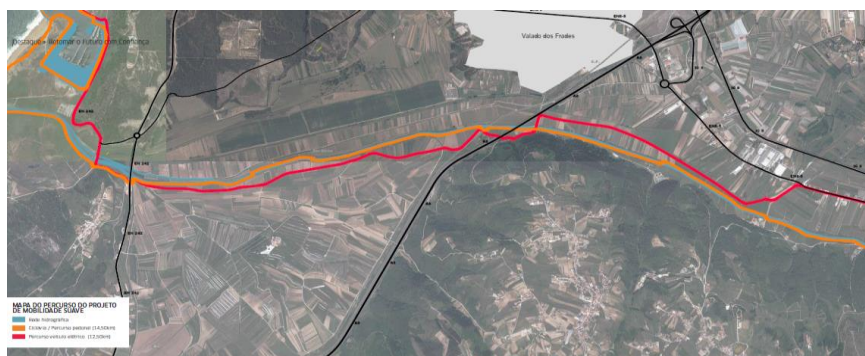


Figura 47 Trajeto do projeto "Mobilidade Suave", 2020 (imagem de Município de Alcobaça)

É aqui que o projeto desta dissertação vai ao encontro da vontade do município de criar o Parque Verde da Fervença. Propõe a conceção do parque urbano incluindo a reabilitação dos edifícios da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça presentes nessa área.

03 Projetos de Referência

Em seguida comenta-se alguns projetos que serviram de referência ao longo do desenvolvimento desta dissertação. Alguns por alguns detalhes, outros pela espacialidade e ambiente que criaram, outros pelos princípios que nortearam a sua abordagem.

Este capítulo segue a compartimentação dos projetos desenvolvidos no próximo capítulo, que são: Parque COFTA; Museu Central Elétrica; Espaço Araújo Guimarães.

3.1. Parque COFTA

Era intenção do projeto que o Parque COFTA fosse um local propício para a prática de desportos ao ar livre, devido à escassez desse tipo de espaços no concelho. O projeto do estúdio SLA no Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, "Al Fay Park" concluído em 2021 é um parque que o consegue com mérito. (Al Fay Park / SLA, 2021)



Figura 48 Al Fay Park, Abu Dhabi, 2021 (fotografia de Philip Fandforth)



Figura 49 Al Fay Park -vista superior, Abu Dhabi, 2021 (fotografia de Philip Fandforth)

Este projeto é caracterizado pelos SLA como “new kind of urban nature park”, com quase 3 hectares introduziu a biodiversidade de forma densa em zona urbana, ao mesmo tempo que está repleto de atividades sociais, como múltiplas instalações desportivas, parque infantil, ginásio ao ar livre, paredes de escalada, minigolfe, volley, basquete, ping-pong e uma série de áreas informais ao ar livre. Mesmo com a introdução de todas estas atividades a natureza continua a ter o papel de destaque neste parque. (Al Fay Park / SLA, 2021)



Figura 50 Al Fay Park - mesas de ping-pong, Abu Dhabi, 2021 (fotografia de Miran Kambic)

Um ponto que era fulcral para o desenvolvimento do projeto do parque COFTA era a água e a sua interação com os utentes. A água foi o motor de todo aquele local durante séculos, teria de continuar a assumir um papel fundamental na identidade do parque.

Houve dois projetos que foram relevantes, pela interação com a água e pela forma como tiram proveito dela.

A Promenada em Velenje, Slovenia é um projeto dos ENOTA com uma área de 1,7 hectares. Concluído em 2014, tira partido das margens do rio, criando uma zona multifuncional, proporcionado a interação direta com a água ao mesmo tempo que cria um auditório para eventos. (Enota, 2015)



Figura 51 Promenada, Slovenia, 2014 (fotografia de Mlran Kambic)



Figura 52 Promenada - evento noturno, Slovenia, 2014 (fotografia de Mlran Kambic)

O projeto de Reutilização da Água do Sydney Park foi desenvolvido pelos escritórios de arquitetura: Turf Design Studio; Environmental Partnership; Alluvium; Turpin+Crawford; Dragonfly and Partridge e localiza-se em Sydney, Austrália. Este projeto tira proveito da água com momentos lúdicos para os visitantes, com vários lagos, quedas de água e pequenas cascatas. Este tipo de abordagens vai de encontro às intenções do projeto do parque COFTA dado que é rico em força motriz com desníveis até 9 metros o que permite este tipo de quedas de água sem necessidade de motores elétricos. (Projeto de Reutilização da Água do Sydney Park / Turf Design Studio, Environmental Partnership, Alluvium, Turpin+Crawford, Dragonfly and Partridge, 2016)



Figura 53 water Re-Use Project, Sydney Park, 2015 (fotografia de Simon Wood)



Figura 54 water Re-Use Project, Sydney Park, 2015 (fotografia de Ethan Rohloff Photography)

3.2. Museu da Central Elétrica

No caso do Museu da Central Elétrica pretendia-se uma intervenção pouco intrusiva. O Pit Art Space, projeto de TJAD Original Design Studio em Xangai, achou-se especialmente relevante pela forma como abordou a alteração do uso, transformando um poço de armazenamento de águas subterrâneas provenientes de uma central elétrica a carvão erguido em 1913, num espaço de exposição de obras de arte. Cria uma estrutura metálica, diferenciada do existente e garantido a reversibilidade, que permite ao utilizador usufruir de diferentes vistas a cotas diferenciadas, conferindo-lhe uma experiência de Promenade Architectural. (TJAD Original Design Studio, 2021)

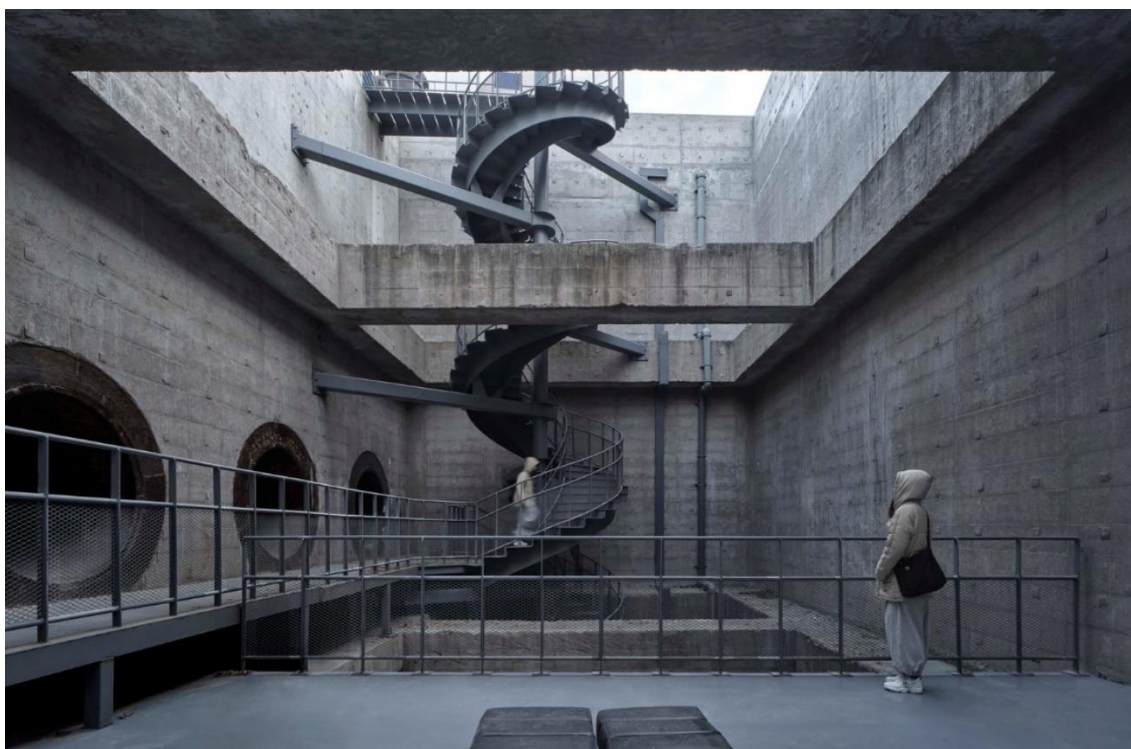


Figura 55 Pit Art Space, Xangai, 2019 (fotografia de ZY Architectural Photography)

Uma outra referência de relevo foi a obra de reabilitação da Torre del Borgo projetada pelo escritório de arquitetura Gianluca Gelmini em Villa d'adda, Itália. Este projeto terminado em 2015, converte a Torre Del Borgo, numa localização central da cidade, em biblioteca, e utiliza patamares que preservam o respeito pela pré-existência, onde também as escadarias não encostam. (CN10 architetti, 2015)



Figura 56 reabilitação da Torre del Borgo, 2015 (fotografia de Gianluca Gelmini)



Figura 57 reabilitação da Torre del Borgo, 2015 de (fotografia Gianluca Gelmini)

3.3. Espaço Araújo Guimarães

O projeto do Espaço Araújo Guimarães engloba dois edifícios vizinhos. Era intenção de projeto que os dois trabalhassem em conjunto para evitar duplicação de serviços e para que o espaço fosse coeso e fluido, por isso criou-se uma ligação aérea entre ambos.

O projeto do SESC Pompeia, da arquiteta Lina Bo Bardi em 1986, São Paulo, Brasil foi relevante pela forma como trabalha as pontes pedonais entre dois volumes, em betão armado, ao ar livre. Estas, para além de premirem a ligação entre os dois edifícios, proporcionam uma zona de descompressão e de miradouro. (Fracalossi, 2013)

A solução permite uma experiência de promenade architectural, em que o utilizador pode percorrer as várias pontes a cotas diferenciadas, ricas em momento com contraste com edifícios bastante opacos.

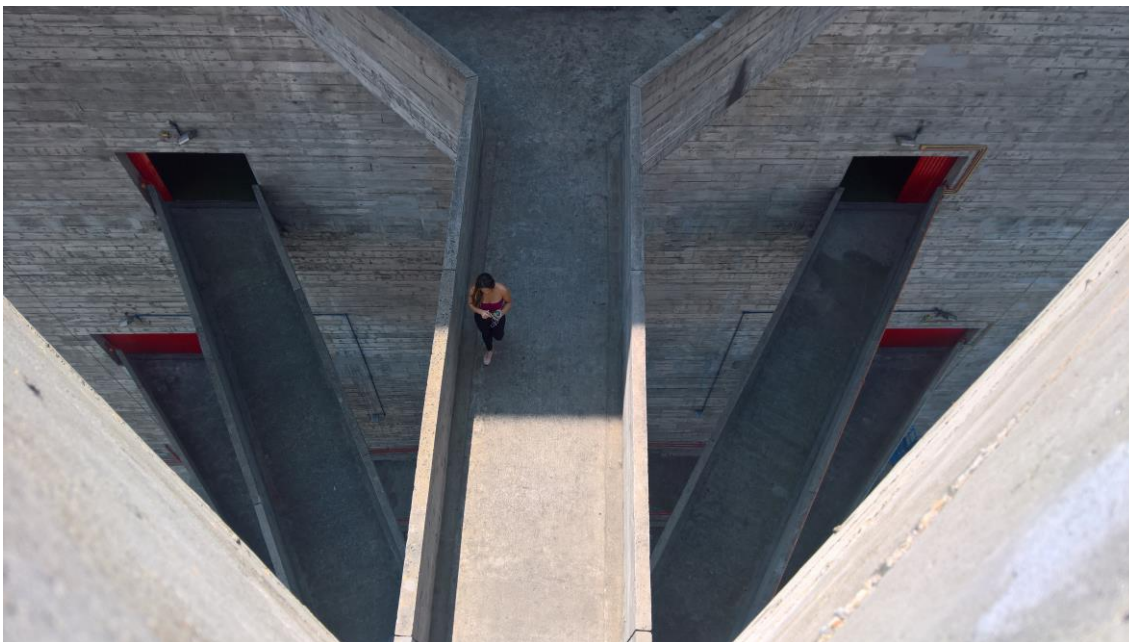


Figura 58 SESC Pompeia, pontes, São Paulo, 2019 (fotografia do autor)



Figura 59 SESC Pompeia, pontes, São Paulo, 2019 (fotografia do autor)



Figura 60 SESC Pompeia, pontes, São Paulo, 2019 (fotografia do autor)

04 Conjunto COFTA, proposta de requalificação das suas instalações e da envolvente do Rio Alcoa

Esta dissertação de mestrado propõe a reabilitação de três edifícios relevantes da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça em ruínas. São eles a **Central Geradora de Eletricidade**, construída em 1926 para substituir a energia dos antigos motores a carvão que forneciam a Companhia, a converter num museu, o edifício **Assistência Araújo Guimarães**, inaugurado em 1936, que alojava as atividades de apoio social, e que acolherá um café, residências artísticas e uma biblioteca, e o antigo **Posto de Transformação Eléctrico**, que será adaptado para um espaço versátil de exposições. Aliado ao projeto de reabilitação destes edifícios está também a criação de um parque de lazer, que tira partido da várzea do rio Alcoa, sem o qual resultaria desconexa a reabilitação dos edifícios.



Figura 61 Esquema de explicativo dos pontos relevantes, 2022 (elaborado pelo autor)

A estrutura que se segue é dividida em 3 projetos interligados entre si: **Parque COFTA**, projeto de um parque de lazer urbano; **Museu Central Elétrica** projeto de reabilitação da antiga Central Geradora de Eletricidade; e o **Espaço Araújo Guimarães** projeto de reabilitação da Assistência Araújo Guimarães e do Posto de Transformação Elétrico.

Apesar de os projetos se apresentarem em separado, para facilitar a leitura, eles foram desenvolvidos em simultâneo e em constante interinfluência ao longo do processo de trabalho.

4.1. Projeto Parque COFTA

O Parque COFTA, com 9,23 hectares, acompanha o rio por mais de 1,4 km em que procura atender às necessidades lúdicas da população citadina. Recuperando um espaço atualmente devoluto, permite valorizar as linhas de água e o açude com quase 500 anos que alimenta os campos da Maiorga e a Central Geradora de Eletricidade. O projeto explora o potencial do sítio, criando estacionamento e acessos, aproveitando a rede hídrica, os açudes e a levada, atualmente degradadas. Procura devolver aos alcobacenses o usufruto de um lugar que, para além das suas qualidades espaciais, é significativo para a sua cultura.

O projeto do parque foi condicionado pela demografia, pela vegetação, pelo açude, pelos edifícios existentes e pela envolvente, e de todas estas condicionantes começaram a nascer os primeiros traçados.

Para um melhor entendimento do projeto extenso do parque, é proposta a divisão do parque em três zonas-chave visível na Figura 62, que se descrevem em seguida:

A Zona A (Entrada de Alcobaça), apesar de não ser a mais rica em preexistências e história, é uma zona chave que faz a ligação do parque com a entrada norte Alcobaça.

A Zona B (Central Elétrica), na zona central do parque, engloba o açude, as cascatas e o edifício histórico com mais relevo do parque, a antiga Central Geradora de Eletricidade.

A Zona C (Araújo Guimarães), é a zona mais a norte do parque e com mais serviços, por ser mais ampla e por conter duas preexistências de relevo histórico e arquitetónico.

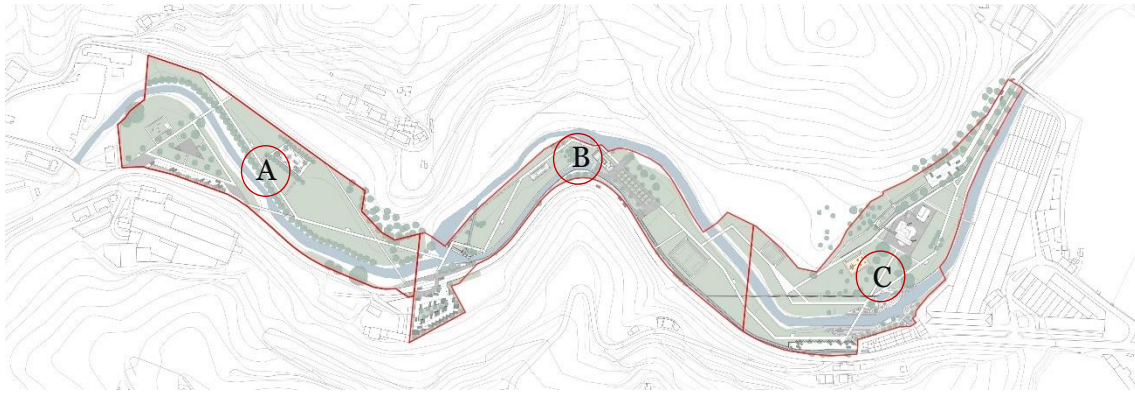


Figura 62 Zonas do parque COFTA, A (Entrada de Alcobaça), B (Central Elétrica) e C (Assistência Araújo Guimarães). (elaborado pelo autor)

Ao longo do parque foram introduzidos diversos equipamentos, equitativamente distribuídos, proporcionando espaços para diferentes atividades ao longo do rio, fomentando o uso generalizado e variado do parque. Alguns locais e maioritariamente na Zona B (Central elétrica), são completamente isolados das habitações [Figura 64], e o único movimento é o dos veículos na estrada nacional [Figura 63] que liga Alcobaça à Fervença, e que não tem iluminação, nem passeio ou berma. Durante todo o projeto do parque teve-se em consideração o risco de se criar um espaço propício ao vandalismo promovido pelo isolamento, e procuraram-se soluções para o mitigar. Por isso o parque contém poucos obstáculos, boa visibilidade e contempla momentos com ligação visual à via e às habitações, e vários pontos em que é possível aceder à estrada. Foram implementadas residências artísticas no parque também para com isso gerar movimento/presença durante o período noturno.

Não menos importante é a proposta de novos percursos e áreas para estar, aproveitando o rio e as suas margens, nomeadamente através de pontes, bancadas e até de um aqueduto, assim como novos espaços abertos adjacentes aos edifícios, nomeadamente um parque de esculturas e auditórios/bancadas ao ar livre, que contribuem para fomentar uma atividade variada.

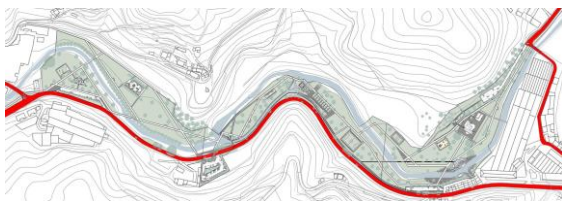


Figura 63 Via pública (elaborado pelo autor)



Figura 64 Habitações próximas do parque (elaborado pelo autor)

O programa prevê várias tipologias de atividade distribuídas ao longo do parque. Segue-se uma descrição geral de quantas são e onde estão, mas cada uma terá uma explicação mais pormenorizada nos separadores seguintes, separados por zonas.

Serviços- São três as áreas servidas por serviços [Figura 65], um por cada zona, com valências diferentes, mas todas incluem sanitários para os utentes do parque.

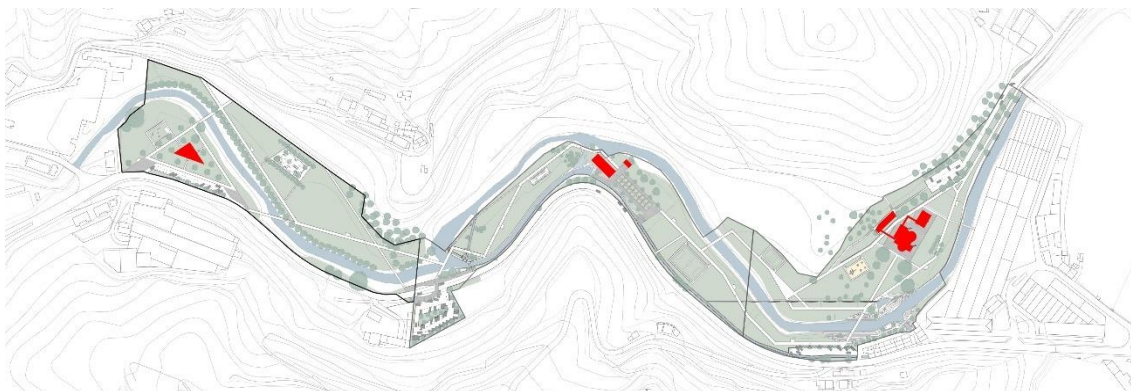


Figura 65 Serviços (elaborado pelo autor)

Pontos de manutenção- São nove pontos em todo o parque, marcados na Figura 66 constituídos por pequenas áreas com equipamentos para exercício físico.



Figura 66 Pontos de manutenção (elaborado pelo autor)

Pontos de atividades- São seis no total, marcados na Figura 67, cada um com a sua vertente: o parque pets; parque skate; ginásio ao ar livre; campo de futebol; campo de volley; e parque infantil. Estes serão detalhados nas respetivas zonas.

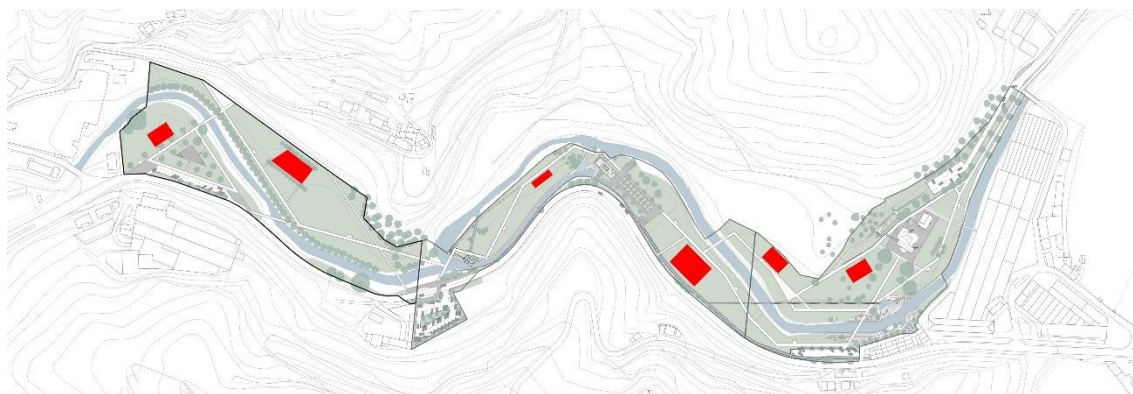


Figura 67 Pontos de atividades (elaborado pelo autor)

Percursos- São uma parte importante do programa. Para além de atenderem às necessidades do parque, integram também um percurso pedonal e ciclável que ligará o concelho de Alcobaça ao da Nazaré, sendo por isso fundamental que seja um itinerário fluido para atender aos dois usos, o de quem pretende usufruir do espaço o de quem pretende usar o percurso como via para chegar ao seu destino. Por esse motivo os serviços e atividades tentam manter um afastamento do percurso principal [Figura 68] sendo ligados por um percurso secundário. Por vezes, não é recomendada a junção dos percursos pedonais e cicláveis, mas no caso deste projeto a decisão foi de os manter unidos, porque não se espera uma afluência que o justifique, e isso implicaria a duplicação das pontes, o que nem sempre seria possível dada a topografia e espaço existente.

Ainda assim, para assegurarem uma boa coexistência entre o pedonal e ciclável os percursos principais garantem sempre uma largura de 3 metros, de modo a permitir contornar os obstáculos em segurança para ambos.

O piso destes percursos será em gravilha calcária com granulometria inferior a dez milímetros, ligada com resina de alto desempenho, garantindo com isso um piso drenante e de baixo impacto ambiental. Apenas em certas zonas com carácter diferente, como zonas de chegar ou de estar, o piso será em lajetas de calcário, com 80 por 40 centímetros.

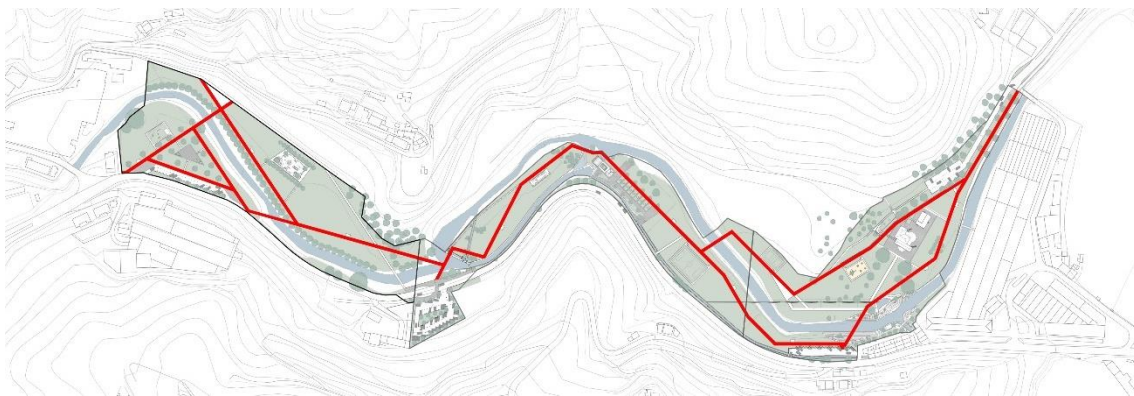


Figura 68 Percurso principal pedonal e ciclável (elaborado pelo autor)

Auditórios / Bancadas - Todo o parque foi pensado de forma a proporcionar zonas que possam ter vários usos, mas há duas a que foi dada especial atenção. Uma delas é em frente da Central elétrica, o Auditório da Central Elétrica e a outra mais a norte distribui-se pelas 3 margens do rio, as Bancadas do Rio Alcoa.

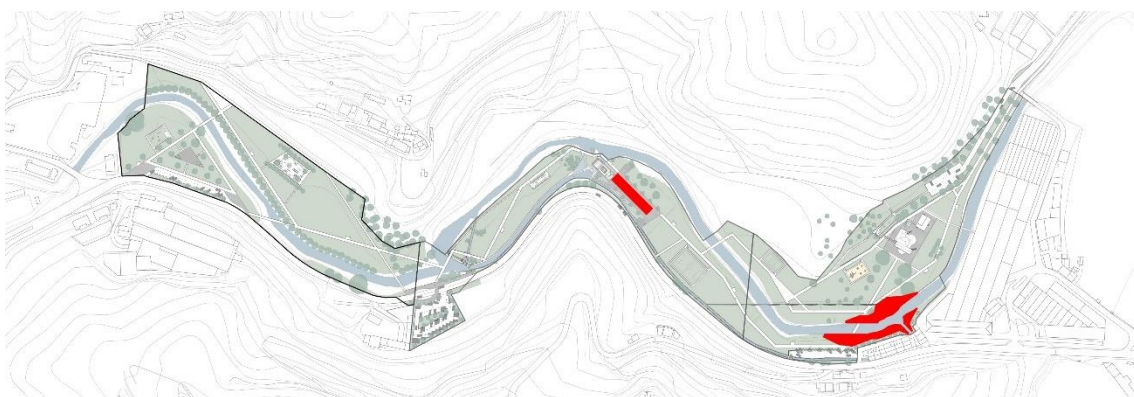


Figura 69 Auditórios / Zonas multifuncionais (elaborado pelo autor)

Acessos – Os quatro acessos formais estão acompanhados por bolsas de estacionamento [Figura 70], totalizando 116 (22 + 46 + 17+31) lugares, dos quais 5 com acessibilidade. Os acessos criados tiveram em conta locais estratégicos para permitir uma distribuição equitativa ao longo do parque, cobrindo os mais de um km de extensão.

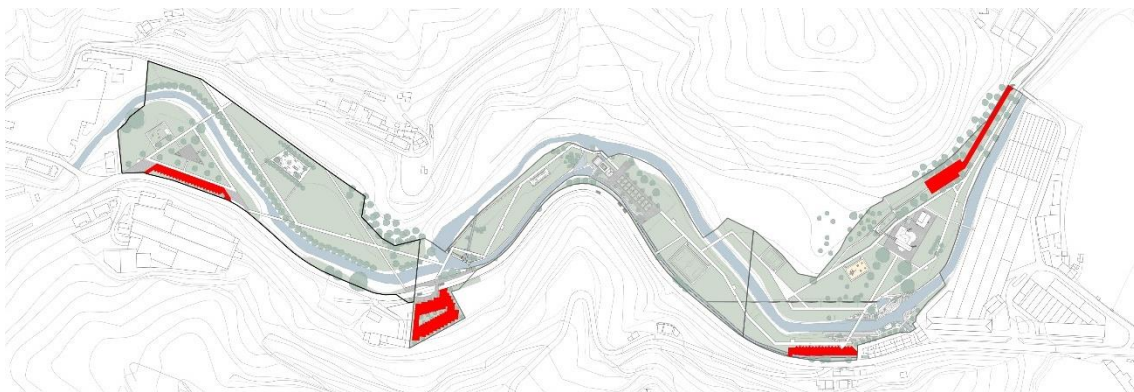


Figura 70 PC - Bolsas de estacionamento (elaborado pelo autor)

Pontes – o projeto do parque é composto por nove pontes (Figura 71) que permitem a ligação entre as margens do rio e da levada, e articulam um parque contínuo e fluido. O vão das pontes varia dependendo das condições, mas procurou-se uma standardização para vãos de 29, 22 e 7 m, que não se aplica em duas situações devido utilização de formas não regulares. O processo de construção é comum a todas: tubo retangular em aço reforçado no interior (Figura 72) com adição de almas consoante as solicitações. Estão pensadas para poderem ser portadoras de infraestruturas elétricas e hidráulicas oculta e com fácil manutenção, e terão iluminação nas laterais, superior como inferior, de modo que a superior ilumine o piso da ponte e a inferior incida na água provocando a reflexão e dando-lhes um especial destaque. O pavimento das pontes será o mesmo do percurso, numa lógica de fluidez do espaço.

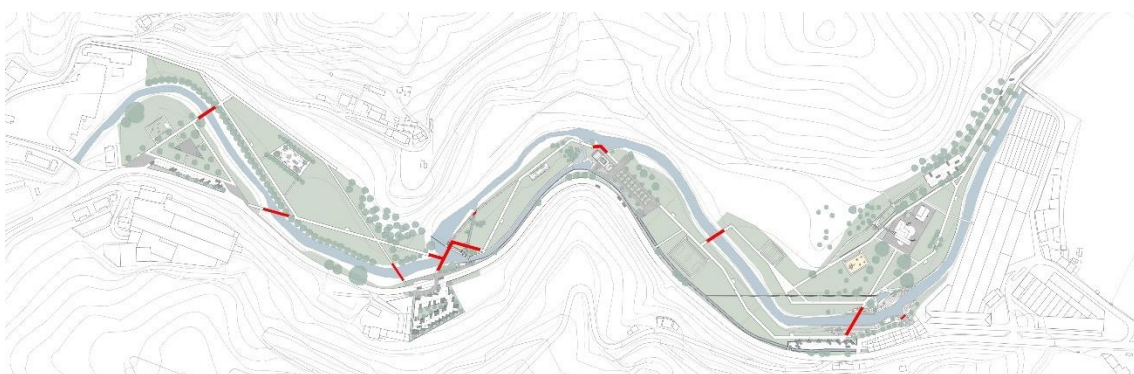


Figura 71 PC - Pontes pedonais e cicláveis ao longo do parque (elaborado pelo autor)

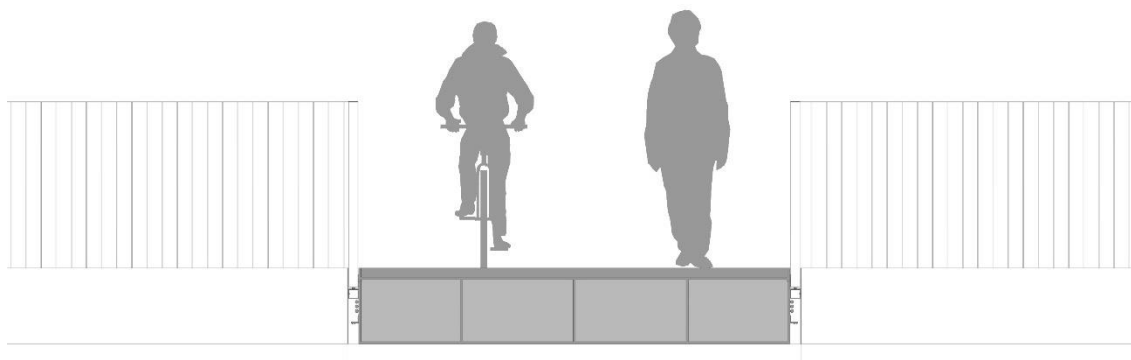


Figura 72 PC - Pormenor da ponte em corte e das infraestruturas (elaborado pelo autor)

4.1.1. Zona A (Entrada Norte de Alcobaça)



Figura 73 PC - Zona A, Entrada Norte de Alcobaça, desenho 2. (elaborado pelo autor)

Pérgula (A1) – É um espaço implantado de raiz, criado para proporcionar serviços nesta zona do parque, seguindo o espírito que preside ao plano de valorizar o espaço verde e de ser pouco intrusivo.

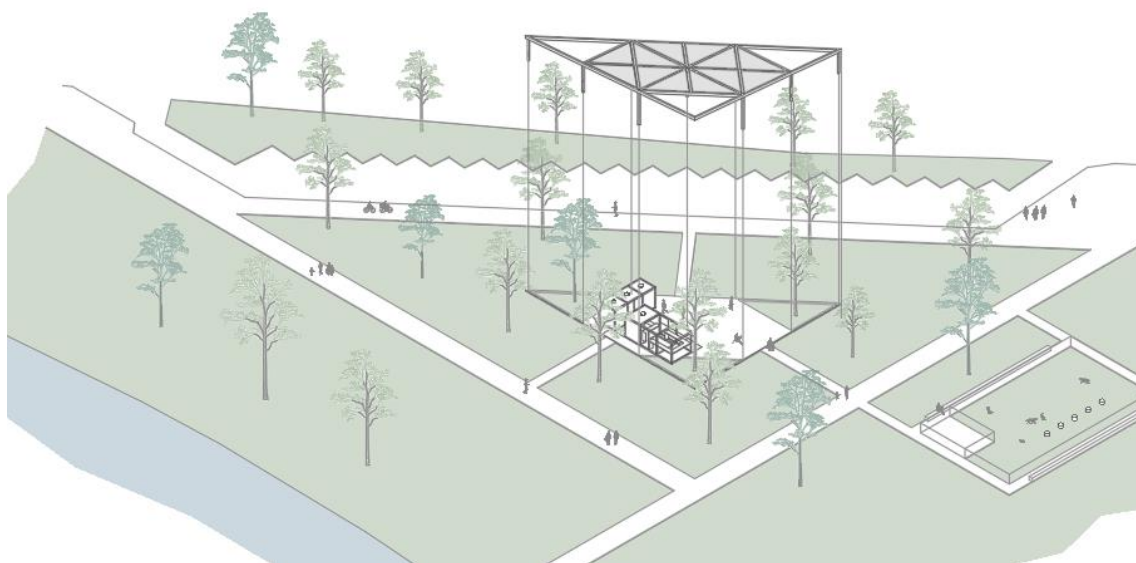


Figura 74 PC - Axonometria Pérgula, desenho 5. (elaborado pelo autor)

Este espaço é composto por duas componentes, uma fixa, que é uma estrutura sombreadora, e outra amovível e modular, que se posiciona debaixo da primeira.



Figura 75 PC – Modelação Tridimensional Pérgula, vista oeste (elaborado pelo autor)

A estrutura fixa pretende criar um espaço que funciona como uma pérgula com uma expressão leve, feita em madeira, que se funde com a natureza. Tem forma triangular, que se deve ao afastamento igual dos percursos envolventes, e é inclinada para criar momentos diferentes de abertura para o exterior, permitindo momentos em que é atravessada pelas árvores e momentos em que é preenchida por membranas tencionadas para criar zonas de sombra. Está apoiada em esbeltos pilares em madeira e o piso em betão e é o reflexo da sua forma. Este é um espaço aberto em que é possível relaxar e usufruir de sombra e vista para o rio.



Figura 76 PC – Pérgula, Corte, desenho 12 (elaborado pelo autor)

A componente móvel deste espaço utiliza dois modelos estandardizados de contentores, com dimensões selecionadas de acordo com o que se considerou necessário para aquele espaço, que serão pousados no piso em betão. Eles estão ligados por um deck em madeira, apoiado no piso de betão e rampeado em duas zonas de forma a garantir acessibilidade a pessoas de mobilidade reduzida. O contentor de menor dimensão albergará os sanitários, que serão acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida e aberto a todos os utilizadores do parque. O contentor de maiores dimensões albergará um pequeno quiosque/café que se poderá expandir para o exterior com explanada, tirando partido da estrutura fixa de sombreira.



Figura 77 PC – Pérgula, alçado, desenho 9 (elaborado pelo autor)

Esta estrutura móvel e modular pretende acompanhar a evolução das necessidades no tempo, sendo possível retirar, reforçar, ou mesmo realocar partes, de acordo com o que se venha a achar necessário numa fase futura.

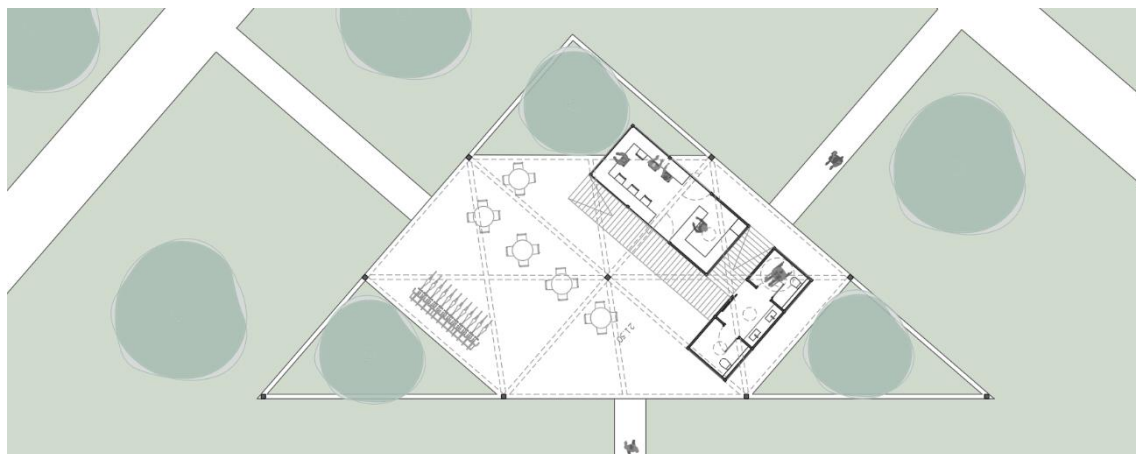


Figura 78 PC – Pérgula, planta piso térreo (elaborado pelo autor)



Figura 79 PC - Pérgula, Modelação Tridimensional, vista Sul (elaborado pelo autor)

Parque PETS (A2).- Surge para responder às necessidades cada vez mais frequentes da população citadina, e é um espaço ao ar livre, cercado, onde os donos podem soltar os seus animais sem que fujam ou incomodem os outros utilizadores do parque.

Acesso e Parque de estacionamento (A3) - É o Acesso 1, que liga com a entrada norte de Alcobaça, e é constituído por uma bolsa de estacionamento com 22 lugares, um dos quais para pessoas de mobilidade reduzida.

Parque SKATE (A4) - Proporciona um espaço amplo para a prática das várias modalidades do Skate, com vários elementos como corrimões, bancos, escadas, entre outros. Permitirá a prática de um desporto saudável e importante para uma juventude cada vez mais citadina, e irá responder à procura crescente na cidade.

4.1.2. Zona B (Central Elétrica)



Figura 80 PC - Zona B, Central Elétrica, desenho 3 (elaborado pelo autor)

Museu Central Elétrica (B1) - O edifício constitui uma das preexistências com maior relevo histórico e arquitetónico da COFTA. Propõe-se a sua reabilitação e conversão em Museu Central Elétrica, e proporcionará também um miradouro na sua cobertura, que passará a ser acessível.

O projeto de reabilitação deste edifício assim como algumas especificações mais detalhadas encontra-se no Capítulo 4.2.

Ginásio ao Ar Livre (B2) – É um espaço que reúne equipamentos de fitness urbano variado e ao ar livre. Estes equipamentos serão fornecidos por empresas certificadas.

Auditório da Central Elétrica (B3) – É um espaço ao ar livre que pode ser utilizado como auditório. Tirando partido do declive existente criaram-se patamares com floreiras, de forma a reduzir a área de impermeabilização, com uma altura cómoda para as pessoas se poderem sentar, possibilitando diversos usos.

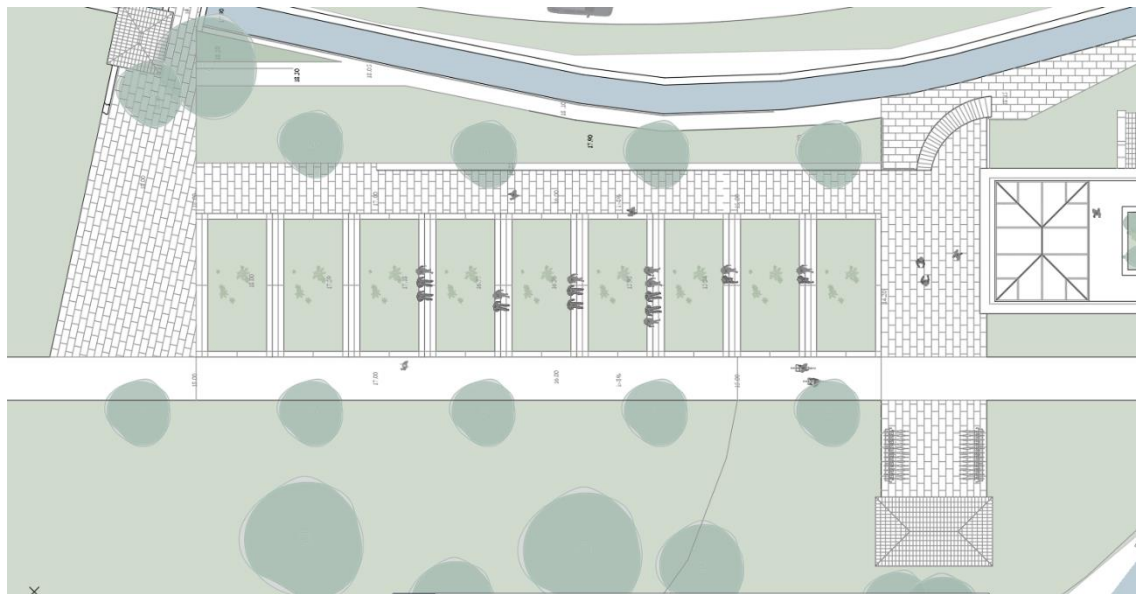


Figura 81PC – Auditório da Central Elétrica, planta (elaborado pelo autor)

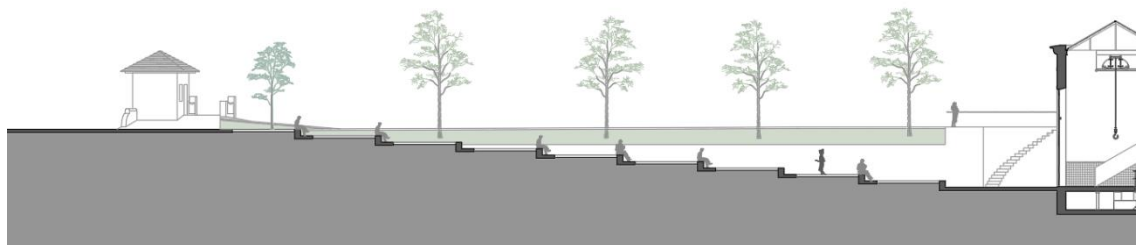


Figura 82 PC - Auditório da Central Elétrica, corte longitudinal (elaborado pelo autor)



Figura 83 PC - Auditório da Central Elétrica ACE, modelação tridimensional (elaborado pelo autor)

Açude e Ponte em T (B4) - Este é um ponto de especial interesse por diversos motivos. Um deles é a ponte em T que faz a ligação entre as 3 margens, e o outro é açude com a sua queda de água com quase quinhentos anos de história e a levada que abastece a Central Elétrica e os campos da Maiorga.

Campo de futebol (B5) - É um campo com 20 x 30 m, e piso em relva natural. Este campo de bola destina-se a jogos informais e não exige praticamente manutenção. A baliza é apenas um aro em aço, durável e com pouco impacto visual, e as linhas de limite podem ser dispensadas uma vez que está delimitado nos quatro lados pelo passeio.

Aceso e bolsa de estacionamento (B6) - Este é o Acesso 2, constituído por uma bolsa de estacionamento com 46 lugares, um dos quais para pessoas de mobilidade reduzida. É também munido de duas paragens de autocarros, uma em cada sentido, para a recolha e largada de passageiros.

4.1.3. Zona C (Araújo Guimarães)



Figura 84 PC - Zona C, Araújo Guimarães, desenho 4 (elaborado pelo autor)

Espaço Araújo Guimarães (C1) - São dois edifícios cuja reabilitação é proposta, e que passarão a alojar cafetaria, biblioteca, museu COFTA, espaços expositivos e residência para artistas.

O projeto de reabilitação deste edifício, assim como algumas especificações mais detalhadas, encontra-se no Capítulo 4.3.

Bancadas do Rio Alcoa (C2) – Engloba um grande número de funções. Dotado de bancadas nas 3 margens permite que as pessoas possam criar uma ligação próxima com rio, não apenas pela visão, mas também sentida, tátil. Permite também concertos ou outro tipo de eventos numa plataforma junto ao rio enquanto o público se dispersa pelas várias margens, ou mesmo pela ponte, e simultaneamente vê e ouve o rio Alcoa.



Figura 85 PC – Bancadas do Rio Alcoa, planta (elaborado pelo autor)

Acessos e bolsas de estacionamento (C3 e C4) - São os Acessos 3 e 4, constituídos por bolsas de estacionamento com 31 e 17 lugares, respetivamente, dos quais 3 (2 + 1) para pessoas de mobilidade reduzida.

Parque infantil (C5) - Com 22 x 13 m e piso em areia, ele será dotado de vários equipamentos fornecidos por empresas certificadas para o efeito.

Aqueduto (C6) - Tira proveito da diferença de cotas ente a levada e o rio Alcoa, cerca de 9 metros, levando água da levada por uma estrutura em aço corten suspensa em cabos

de aço apoiados em tubo redondo de aço à cor branca. A água cai em cascata num tanque que, ao transbordar, escorre por pequenas valas nas bancadas. Esse tanque permitirá que as crianças, e não só, brinquem dentro de água em segurança, ou simplesmente que se usufrua da sensação da queda de água.

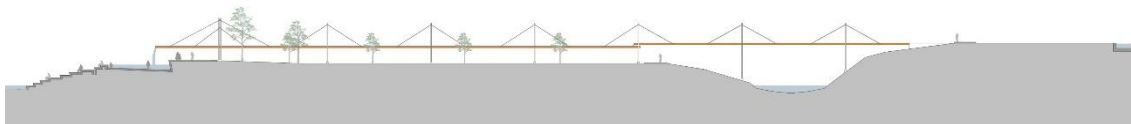


Figura 86 PC - Aquaduto, corte, desenho 17 (elaborado pelo autor)

Campo de volley (C7) - É um campo com 9 x 18 m destinado apenas a jogos informais, com piso em areia e que não exige grande manutenção. A rede é escorada com cabos de aço inox, resistentes e duráveis.

4.2. Museu Central de Eletricidade

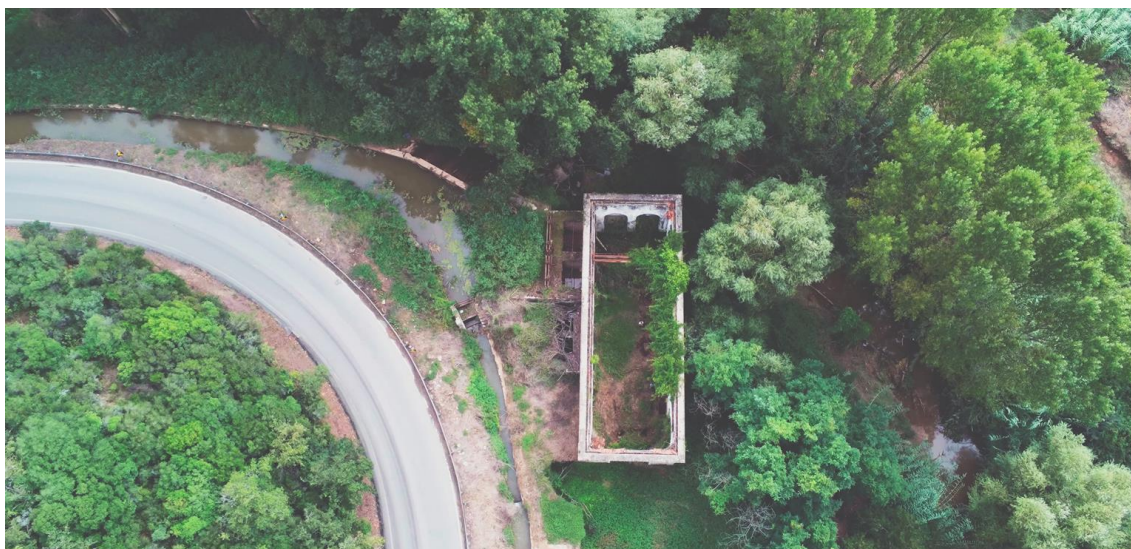


Figura 87 CGE - Vista superior (imagem de Ricardo Costa, edição do autor)

Devido à falta de documentação, a componente das visitas à antiga Central Geradora de Eletricidade assumiu um papel relevante no processo de conceção do projeto Museu Central de Eletricidade. Esta circunstância fez com que o desenvolvimento do projeto acontecesse a par com o que se apurava nas visitas ao local. Cada visita acabava por acarretar novas descobertas que resultavam por vezes em alterações significativas no projeto.

Achou-se por isso importante relatar as visitas, de modo a mostrar o processo de descobertas constantes, que fizeram com que o projeto se tornasse numa constante reflexão e reavaliação de prioridades.

Deste modo este subseparador divide-se em dois. O primeiro consiste num relato do processo de visitas ao local, e o segundo na explicação do projeto.

4.2.1. Processo das visitas ao local

A informação sobre este edifício é muito escassa e parte dela foi descoberta numa fase avançada do projeto. A única informação documental encontrada até ao momento de finalização do trabalho foi uma planta pouco detalhada, três fotografias da época, alguns textos e um pequeno trecho de um vídeo do interior com menos de 10 segundos. Assim, foi difícil entender como era o seu funcionamento e a sua organiza.

O acesso ao edifício era complicado, implicando um trajeto a pé de cerca 350 metros em cada sentido. Mesmo no interior, os obstáculos persistiam, o que acarretou grande dificuldade na leitura de pormenores e na execução de levantamentos.

1ª visita 15/02/2021



Figura 88 1ª visita ao local, 2021 (fotografia do autor)

A primeira visita, na companhia de Beatriz Rodrigues, teve como principal objetivo o reconhecimento do local. Esta visita veio mostrar que não íamos preparados para as dificuldades que o local apresentava. De modo a alcançar a Central Geradora de Eletricidade (CGE) houve a necessidade de passar por vegetação grande, terrenos lamacentos e cheios de água, muito devido ao estado degradado da levada. Ainda assim, foi possível o reconhecimento do local e um primeiro levantamento fotográfico.

2ª visita 13/06/2021

Na segunda visita, com a ajuda de Tiago Alexandre, o principal objetivo era fazer um levantamento rigoroso do edifício.

Fez-se o levantamento em papel, mas uma das dúvidas que surgiu e persistiu, prendia-se com o guarda-corpos [Figura 91] que existia à entrada do Átrio, do lado direito. Inicialmente deduziu-se que fizesse parte de uma escada que daria acesso a um túnel técnico transversal ao edifício. Corroborando essa teoria, havia uma abertura de dimensões generosas no pavimento do Átrio, de que passamos sempre afastados por razões de segurança e por desconhecermos na altura as suas dimensões.



Figura 89 CGE – Átrio, anotações do levantamento, 2021 (fotografia do autor)



Figura 90 CGE – Átrio, medição do friso, 2021 (fotografia do autor)



Figura 91 CGE – Átrio, guarda desconhecida, 2021 (fotografia do autor)

3ª visita 16/09/2021

Na terceira visita contei com a ajuda novamente de Tiago Alexandre e, pela primeira vez, de Ricardo Costa, que se dispôs a filmar com a ajuda de um drone. Esta terceira visita serviu essencialmente para o levantamento de medidas que faltavam para a realização de desenhos técnicos.



Figura 92 Caminho até á Central G. de Eletricidade, 2021 (fotografia do autor)



Figura 93 CGE-, escadas Técnica, 2021 (fotografia do autor)



Figura 94 CGE - Cave Técnica, abertura no piso da Central, 2021 (fotografia do autor)

De modo a compreendermos de que forma funcionava o túnel técnico, houve a necessidade de desobstruir a escada que se encontrava coberta com vegetação. Isto permitiu confirmar que afinal não se tratava de um túnel, mas sim de uma Cave Técnica, como podemos ver na Figura 94.

A Cave tinha uma altura de 1,25 m, dos quais cerca de 0,60 metros estavam cobertos de lodo o que nos impediu de avançar para além das escadas. No entanto demos conta da existência da existência de um volume central de betão e pedra que não tinha função estrutural, pois a laje do Átrio descarregava o seu peso nas colunas de ferro. Essa Cave Técnica ocupava a totalidade da área do Átrio, exceto no local onde se encontram os túneis de descarga de água das turbinas [Figura 96].



Figura 95 CGE – Janela Átrio, 2021 (fotografia do autor)



Figura 96 CGE - Túnel de descarga da Turbinas, 2021 (fotografia do autor)



Figura 97 CGE - Central e Tunes de descarga de água, 2021 (fotografia do autor)

Através de escavações realizadas no Átrio, descobriu-se o piso original em ladrilho, contudo havia uma zona em argamassa, o que suscitou dúvidas sobre o motivo da ausência de mosaico.

4ª visita 18/09/2021

Esta quarta e última visita ao local aconteceu apenas dois dias depois da anterior, novamente com a ajuda de Tiago Alexandre, visando despistar as duas grandes dúvidas que teriam ficado: a falta de mosaico no Átrio e o volume central na Cave Técnica. Esta investigação foi feita com o apoio da planta térrea, que estava pouca detalhada, de uma fotografia da época, e dos textos dos relatórios da fábrica.

Foi então que se descobriu que o volume original seria apenas a parte em betão, e que a parte em pedra teria sido um fechamento posterior. A parte de betão seria uma sapata rebaixada, com cerca 35 cm de altura (ficando a 90 cm a baixo da laje do Átrio), independente, que apoiaria um grande motor a diesel com uma altura superior a 4 metros. Esse era o motivo para a falta de mosaico no piso. De ressaltar que não existe na atualidade nenhuma peça desse motor a diesel, ao contrário das turbinas hidroelétricas.

É narrado nos relatórios da fábrica que em 1945, quase 20 anos depois da inauguração, que o motor Diesel de 600 H.P. causou grandes constrangimentos e a sua reparação demorou, e custou uma quantia muito superior ao inicialmente previsto. Em 1946 já se fazia referência ao facto de estar novamente em funcionamento, mas segundo os relatórios, prontamente a fábrica procurou alternativas, com a intenção de a máquina funcionar apenas em caso de alguma falha. Essa intenção é motivada pelos custos que tiveram devido à reparação e pela redução de produção da fábrica, agravado pelo facto de que esta estava cada vez menos rentável (Carvalho L. , 2008, pp. 55,56). A partir daí não há mais nenhuma referência a essa máquina, e acredita-se por isso que entre 1946 e 1985 (encerramento total da Central) esse motor a diesel tenha sido vendido, mas que as turbinas hidráulicas se tenham mantido em funcionamento uma vez que essa energia se mantinha barata para a companhia. Com a retirada da máquina ficaria a descoberto o grande buraco, motivo que terá levado ao seu fechamento com pedras e argamassa até ao nível da laje do Átrio.



Figura 98 CGE - Cave Técnica, apoios do motor diesel e tapamento em pedra, 2021 (fotografia do autor)



Figura 99 CGE - Cave técnica, 2021 (fotografia do autor)

Figura 100 CGE - Sala do Combustível, 2021 (fotografia do autor)

Figura 101 CGE - Sala dos transformadores, 2021 (fotografia do autor)

Nesta excursão fizemos ainda uma nova visita á Sala do Combustível [Figura 100] e à Sala dos Transformadores [Figura 101] já sem telhado, para fazer medições.

Pós-Visitas

Já numa fase posterior a estas visitas foi possível fazer mais descobertas, nomeadamente o modelo de turbinas aplicadas na central, essa parte era extremamente difícil de visualizar, pois, o único sítio que permitia ver a turbina era no tanque, dado estas serem submersa, mas estava cheio de águas e lamas, cobrindo-o quase por completo visível na Figura 103.



Figura 102 CGE - Comportas para tanques das turbinas, 2021 (fotografia do autor)



Figura 103 CGE - Tanque da Turbina, 2021 (fotografia do autor)

Havia mais dois sítios onde era possível ver parte do conjunto da turbina, um no Túnel, local de saída das águas da turbina, outro no Átrio, parte que liga ao gerador. No Túnel [Figura 105] é visível apenas os tubos de queda de água em ferro que foram muito pouco esclarecedores.

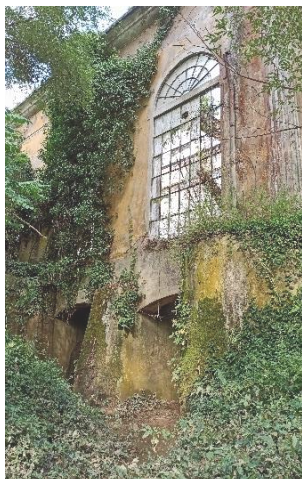


Figura 104 CEG – Taneis, vista exterior, 2021 (fotografia do autor)



Figura 105 CGE - Túnel, vista interior, 2021 (fotografia do autor)

No Átrio, sítio em que a turbina liga ao gerador, é visível uma gravação onde se lê “J. M. Voith Heidenheim 1925” [Figura 107]. Através de pesquisa deduziu-se que se tratava de uma empresa fundada por Johann Matthäus Volth, em que o conjunto teria vindo de Heidenheim, Alemanha, e que 1925 é o ano de fabrico, dado que a Central foi inaugurada em 1926, mas foi começada a alguns anos antes.



Figura 106 CGE – Átrio, turbinas e parte dos geradores, 2021 (fotografia do autor)



Figura 107 CGE – Átrio, turbina fabricada por J.M.Voith (fotografia do autor)

Desde a primeira visita que se iniciou a investigação sobre o modelo/esquema de funcionamento destas turbinas. Mesmo procurando pelo fabricante referenciado na turbina não foi possível encontrar nenhum modelo que se assemelhasse ao que está na Central. Fizem-se também pesquisas por esquemas de turbinas e centrais hidrelétricas e percebeu-se que este modelo não é muito comum. A maioria das turbinas não são submersas como as existentes, e as que o são têm eixo vertical, também contrário ao que acontecia na Central.

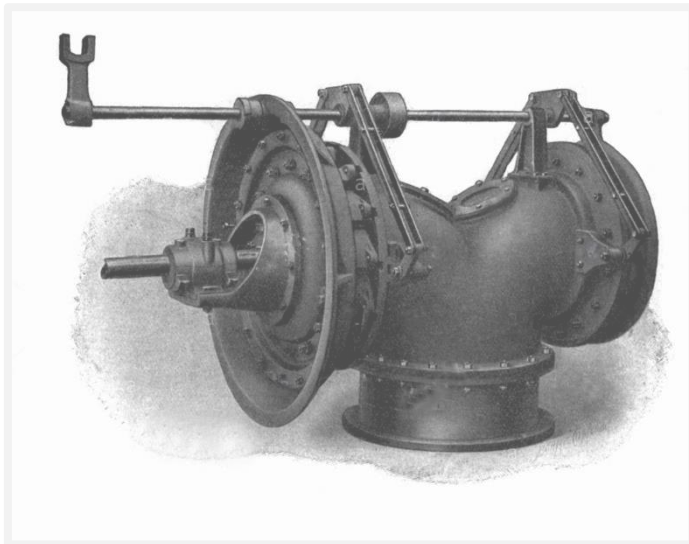


Figura 108 Desenho da Turbina (desenho retirado de www.alamy.com)

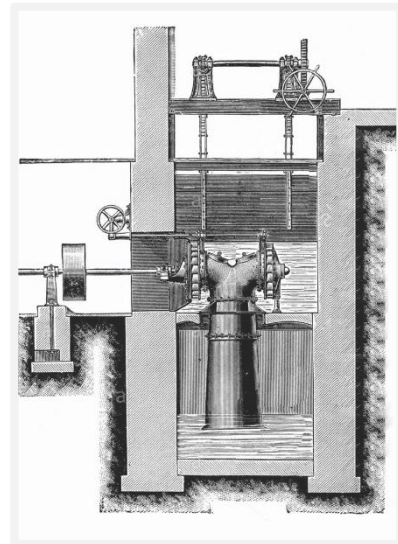


Figura 109 Desenho em corte da Turbina (desenho retirado de www.alamy.com)

Posteriormente à última visita, prosseguiram pesquisas pontuais em que foi possível encontrar a Figura 108 e Figura 109, que se acredita constituírem o retrato mais fidedigno do modelo da turbina instalada na central. Deduz-se que se trata de uma

turbina Francis dupla horizontal submersa ou também chamado de Camelback-Turbinen, sistema é vantajoso pelo facto de estar submerso e não implicar mais espaço, ao mesmo tempo que a probabilidade de infiltrações é menor. Foi possível encontrar uma central em Zelina na República Checa, com um sistema de turbina bastante semelhante [Figura 110] que se encontra em funcionamento depois de vários anos parado, tendo sido alvo de restauro das turbinas recentemente.



Figura 110 Restauro da turbina, Central de Zelina, República Checa, 2016 (fotografia retirada de www.cez.cz)

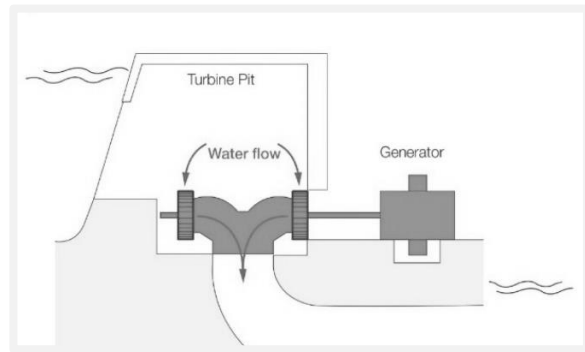


Figura 111 Esquema simplificado, funcionamento da turbina (esquema retirado de www.voith.com)

4.2.2. Projeto Museu Central Elétrica

O projeto Museu Central de Eletricidade pretende reabilitar e adaptar a antiga Central Geradora de Eletricidade da Companhia Fiação e Tecido de Alcobaça e convertê-la num museu. A central foi inaugurada em 1926 e cessou o seu funcionamento há mais de 30 anos, um período de abandono de que sobram as paredes e os elementos em ferro mais volumosos e pouco mais.

Este projeto está integrado no Projeto Parque COFTA no capítulo 4.1, identificado como B1, situado na zona B, edifício 1, onde é descrita a sua envolvente e a sua integração no parque.

A forma como se pretende intervir em todo este edifício é muito semelhante à que é atualmente defendida e utilizada para edifícios com relevo patrimonial em Portugal e outros países, em que sempre que possível as estruturas degradadas devem ser reparadas em vez de substituídas, e onde deve ser dada preferência a soluções menos invasivas e reversíveis. A intervenção e os novos elementos devem ser evidentes para possam ser reconhecidos e distinguidos das partes originais. (Direção Regional de Cultura do Norte, s.d.)

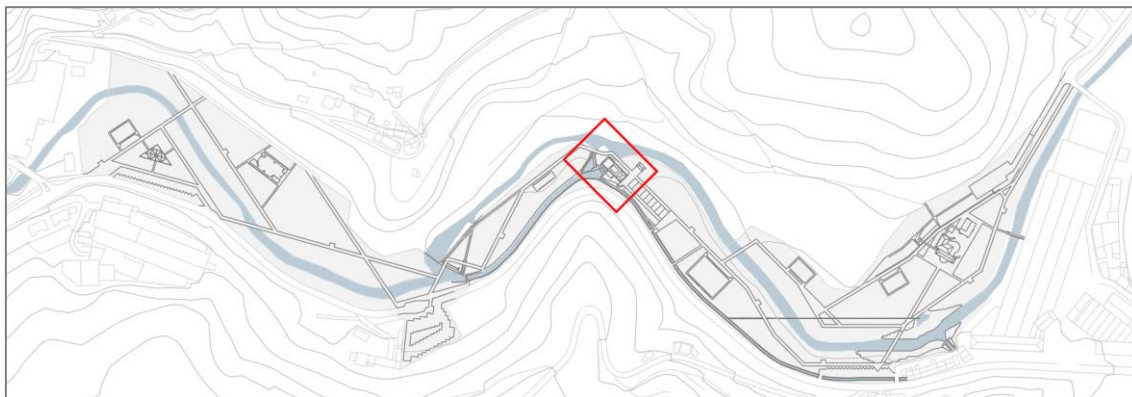


Figura 112 MCE - Localização Central Elétrica em relação ao Parque COFTA. (elaborado pelo autor)

Este museu será um catalisador para a criação de programas didáticos sobre o tema da produção de energia elétrica e sobre a contribuição da Companhia para o processo de eletrificação da cidade de Alcobaça, explicando e mostrando os esquemas das duas formas de produção de energia presentes nesta Central. Uma era hidroelétrica, através de duas turbinas de diferentes dimensões ligadas a geradores que geravam luz com a passagem da água pela turbina da levada para o rio Alcoa, e a outra era através do motor a diesel ligado este também a um gerador.

Outro objetivo é o de dar a mostrar a população este grandioso edifício, nomeadamente o seu Átrio, em que será possível ver novamente a abertura na laje onde estava encastrado uma parte do motor a diesel de 600 HP (608,34 cv) de 4 cilindros e o seu gerador, ficando visíveis os seus apoios em betão armado e parte da Cave Técnica.

No **Átrio** serão visíveis ainda as duas turbinas, os seus geradores, componentes de lubrificação assim como as suas calhas técnicas já existentes no piso que liga os geradores à Cave Técnica. Serão abertas duas aberturas no piso, uma por cada Túnel de evacuação, tapadas com gradil metálico, com o intuito de possibilitar uma perceção clara do que acontece por baixo, que, neste caso, são os túneis de saída de água das turbinas. Estas aberturas serão feitas entre as vigas, de forma a não comprometer a estrutura. O Átrio será dotado de dois novos espaços, que se desenvolvem em dois novos pisos, o mezanino e a cobertura. Esta alteração será caracterizada por materiais distintos e por uma expressão pouco intrusiva. As vigas do mezanino serão agarradas as paredes laterais, e a cobertura será apoiada na diferença das dimensões das paredes, onde corre a grua que já não está em funcionamento, mas ficará claro que ela se movimentava no local onde se apoia a cobertura. O material utilizado nesta intervenção é o aço à cor antracite, que se distingue dos metais presentes na central.

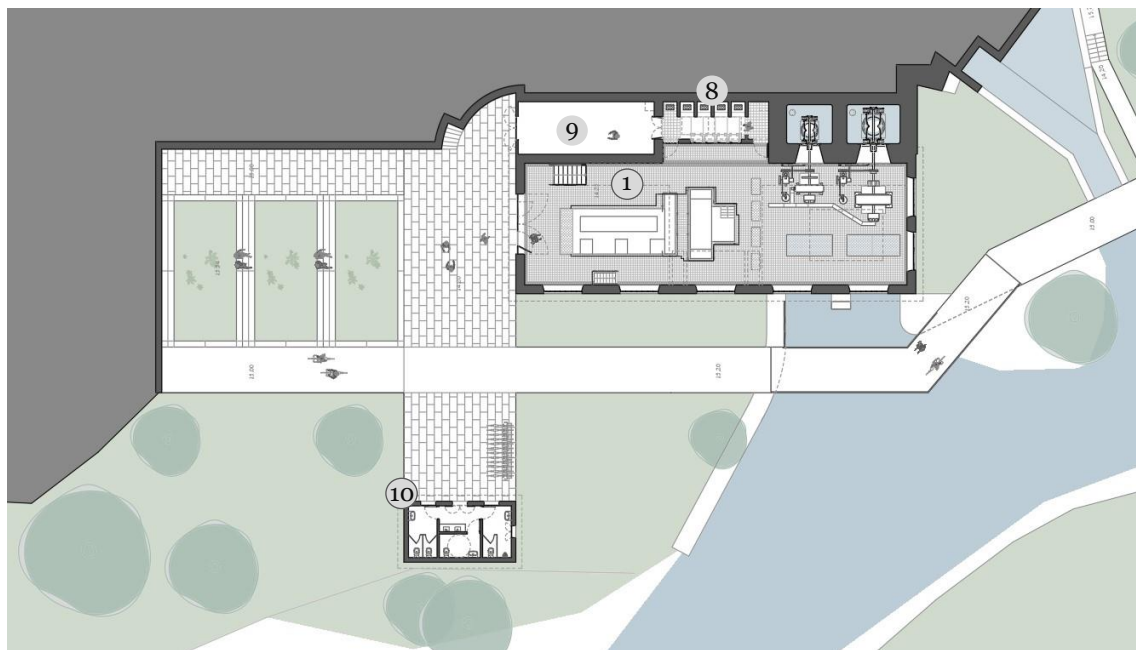


Figura 113 MCE - planta P0, 1 Átrio, 8 Sala dos transformadores, 9 Sala do combustível, 10 Sanitários desenho 23 e 25. (elaborado pelo autor)

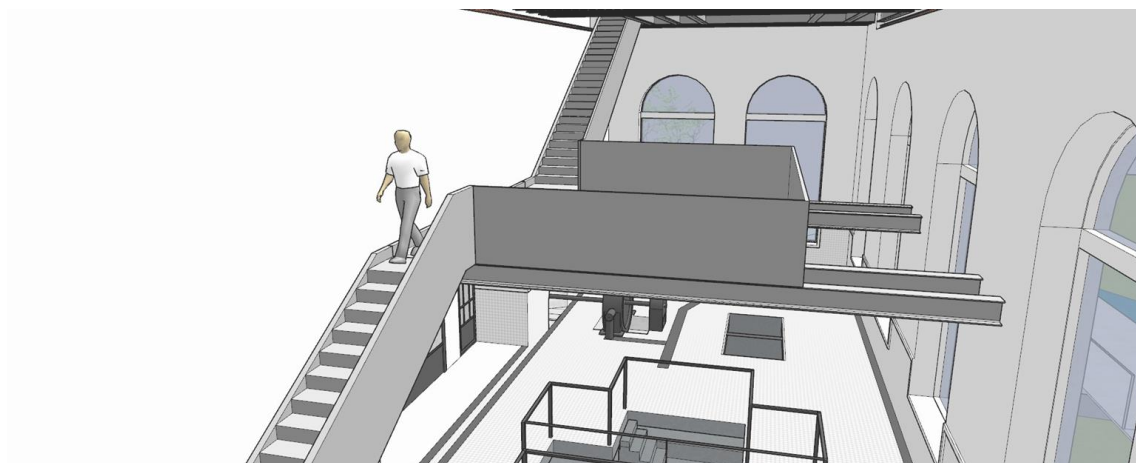


Figura 114 MGE – Átrio + Mezanino, Modelação tridimensional. (elaborado pelo autor)

A **Cave Técnica** não será visitável ao público devido o seu pé direito reduzido, mas a perceção da sua existência e o da sua função (evacuação dos fumos, passagem da cablagem, passagem de tubagem de água e combustível, entre outros), será assegurada através da reabertura do orifício do antigo motor diesel que, para além de repor a situação original, permite a sua visibilidade a partir átrio acentuado pela iluminação indireta no seu interior.

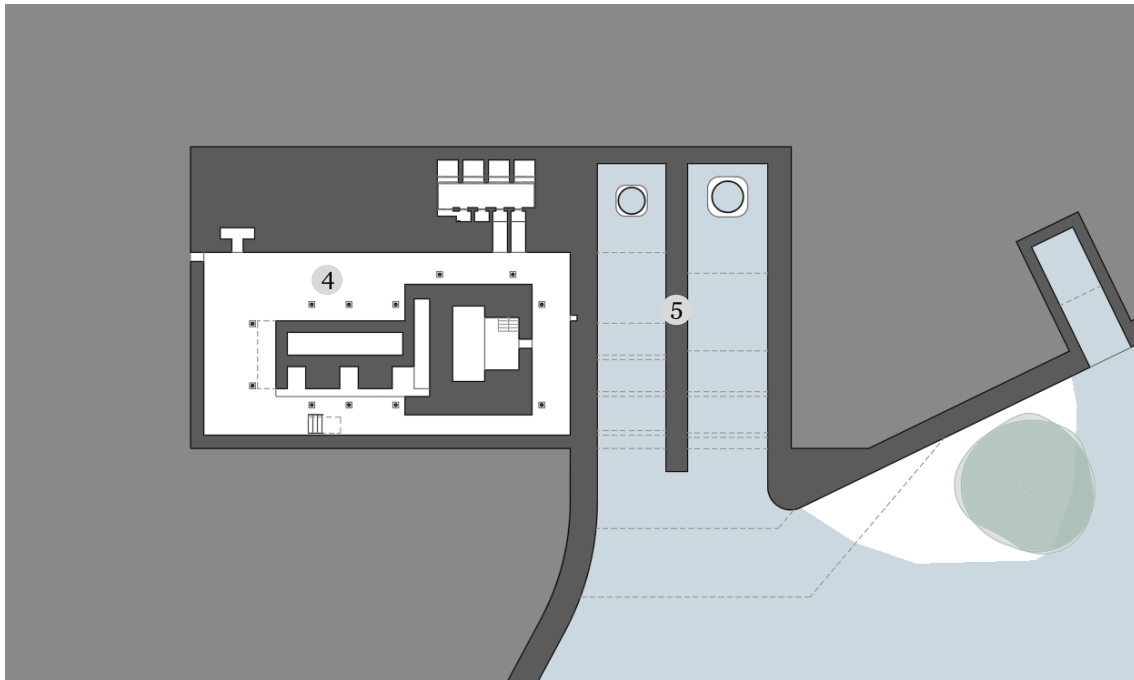


Figura 115 MCE – planta P-1, 4 Cave técnica, 5 Tuneis, desenho 24. (elaborado pelo autor)

O **Mezanino** surge como uma forma a tirar proveito do grande pé direito ao mesmo tempo que funciona como patamar intermédio para o acesso à cobertura. Ocupa menos de um terço da área do Grande Átrio e não toca nas grandes janelas, de forma a que predominem os mais de 8 metros de altura e que os visitantes consigam ter a perceção do pé direito original. O Mezanino tem o intuito de proporcionar uma vista a uma cota mais elevada sobre o Átrio, semelhante à altura do corredor técnico do antigo motor Diesel, permitindo uma visão inferior e mais próxima da grua existente e servindo para espaço expositivo ou para workshops.

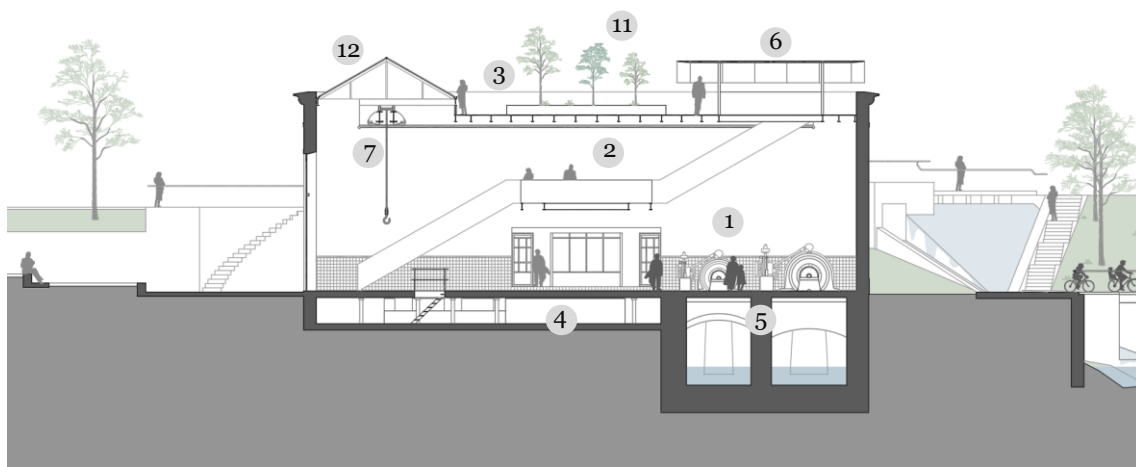


Figura 116 MCE – corte pelo Átrio, 1 Átrio, 2 Mezanino, 3 Cobertura percorível, 4 Cave técnica 5, Tuneis e 6 Pala, 11 Jardim de Cobertura, 12 Pérgula de vidro, desenho 33. (elaborado pelo autor)

A **Escadaria** em aço, no mesmo material que os patamares, dá acesso ao Mezanino e à Cobertura Percorrível. Localiza-se próximo da única parede sem janelas, de forma a não obstruir a visão e a permitir uma boa circulação por entre as pré-existências.

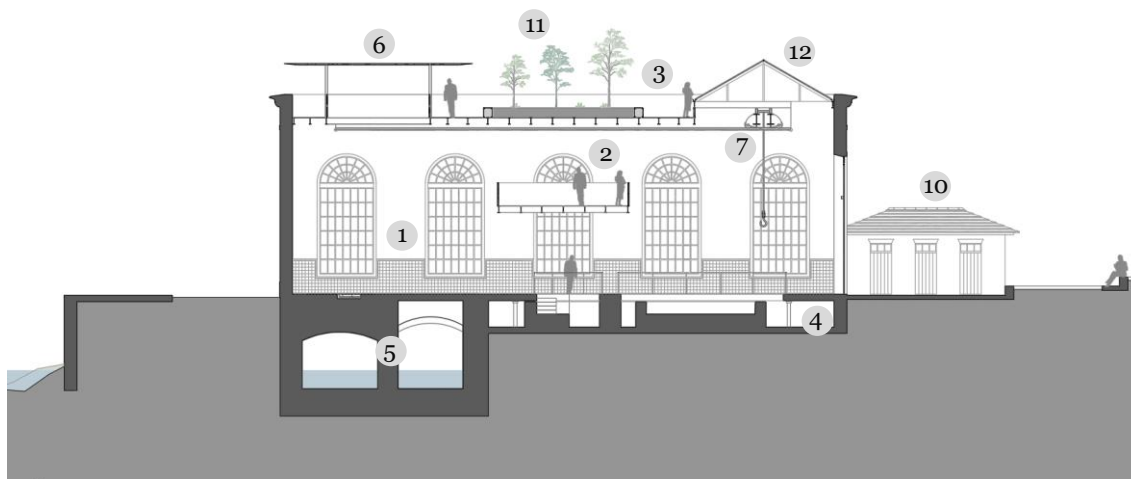


Figura 117 MCE – corte pelo Mezanino, 1 Átrio, 2 Mezanino, 3 Cobertura percorrível, 4 Cave técnica 5 Tneus, 6 Pala 7 Grua existente, 10 Sanitários, 11 Jardim de Cobertura, 12 Pérgula de vidro, desenho 38 (elaborado pelo autor)



Figura 118 CGE - Átrio, Grua (fotografias do autor)



Figura 119 CGE – Átrio, vista do painel elétrico (fotografias do autor)

A **Cobertura Percorrível** é o resultado de duas intenções. Uma é a de manter o edifício com a identidade atual, consequência da erosão do tempo, mas que evidencia o seu valor e história. A outra é a de conferir e significar novos valores que emergem das circunstâncias em que volta a ser utilizado ao mesmo tempo que proporciona uma perceção do entorno com uma vista de 360 graus.

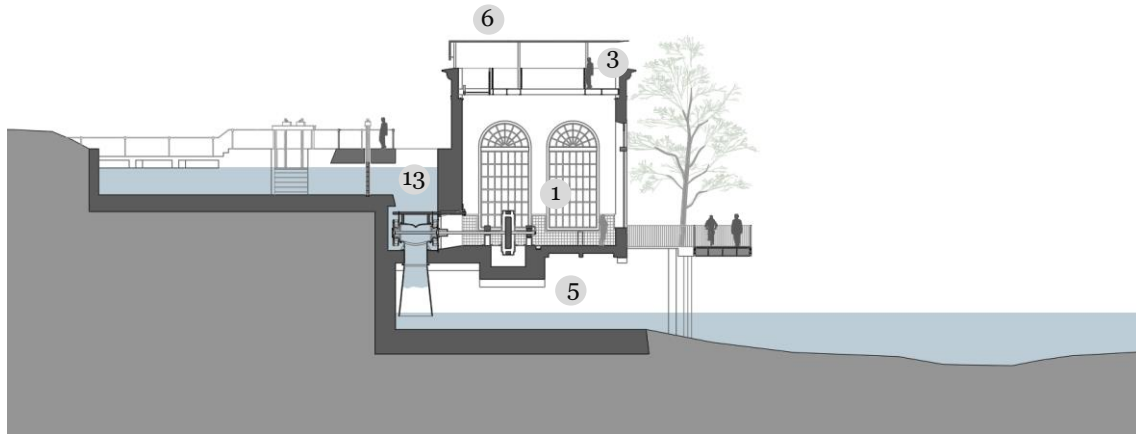


Figura 120 MCE - corte pela turbina, 1 Átrio, 3 Cobertura percorrível, 5 Túnel, 6 Pala, 13 Tanque, desenho 32 (elaborado pelo autor)

A cobertura é o culminar de um passeio arquitetónico com vários momentos. Em todo o trajeto desde a entrada até à saída existe uma estratégia de Promenade Architecturale, conceito introduzido por Le Corbusier, em que o percurso surge como ato de descobrir o espaço simultaneamente com às emoções geradas a cada passo. Le Corbusier afirma no seu livro “Mensagem aos estudantes de Arquitetura”, de 1943 que a “arquitetura é a circulação” (Camargo, 2021, p. 870).

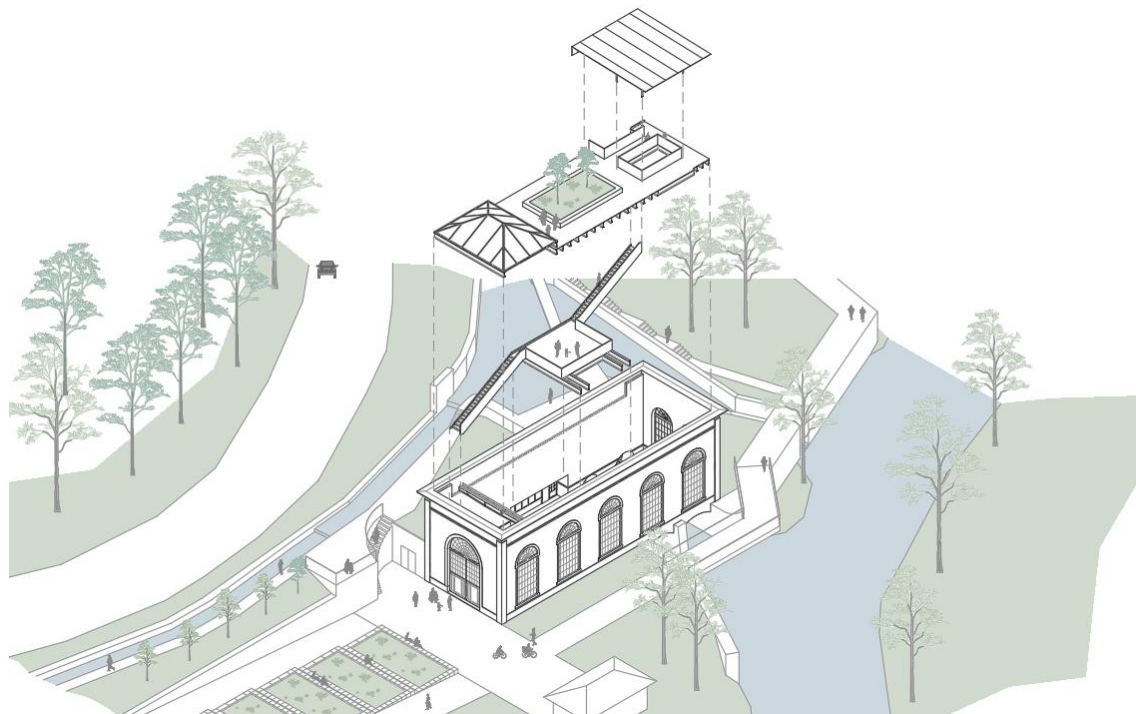


Figura 121 MCE – Axonometria Museu Central Elétrica, desenho 19 (elaborado pelo autor)

Esta cobertura conta com vários momentos. O primeiro é o momento de chegada que o vento passa livre como quando o edifício estava em ruínas, e em que é possível visualizar o Átrio de uma altura de cerca de nove metros através de duas aberturas resguardadas por uma Pala metálica assente em pilotis. Esta Pala terá o lettering do museu gravado e iluminado orientado para a única via rodoviária na proximidade, assumindo-se como um ponto de referência. Um outro momento é o do jardim, que pretende reforçar a memória do edifício em ruínas, e onde a vegetação é visível do exterior. A cobertura conta ainda com um momento que remete para a antiga cobertura de quatro águas, mas de dimensão mais reduzida e em vidro. Esta claraboia permite a vista do céu desde o interior, a entrada de mais luz, e serve ainda de vitrine para uma vista de cima, e mais próxima, da grua.

A ventilação do espaço é assegurada por diversas aberturas, que permitem em dias de maior calor uma ventilação natural, e a exposição solar é mitigada pela pala e pela vegetação.

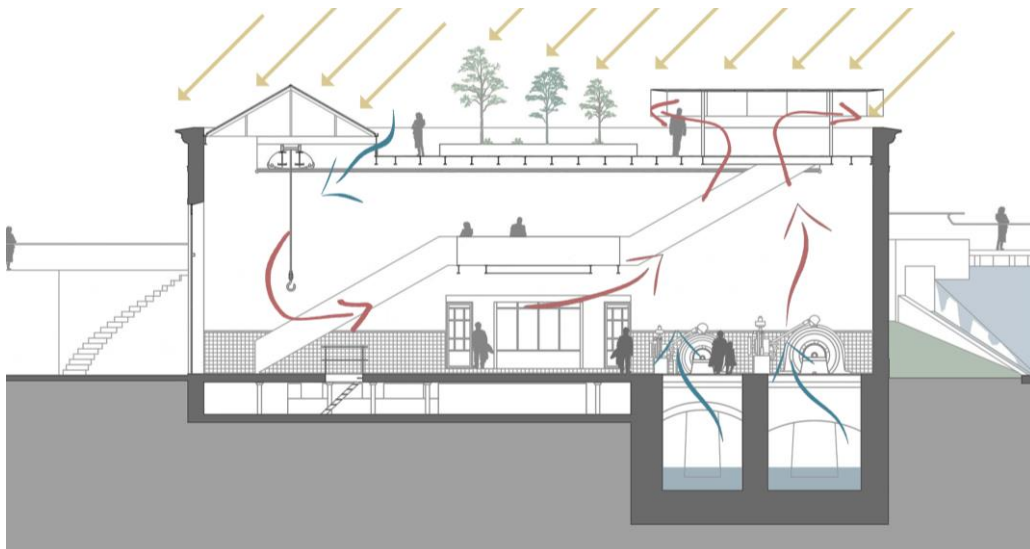


Figura 122 MCE - Esquema de insulação e ventilação natural (elaborado pelo autor)

A **sala dos transformadores** fará parte da fase final do trajeto dos visitantes, onde poderão observar as traseiras do painel elétrico em mármore assim como as várias secções onde estariam os transformadores, protegidos por gradeamento dado o risco derivado da alta tensão, e ligará à sala do combustível através da nova abertura, com materiais distintos, permitindo um trajeto circular.



Figura 123 MCE - Corte pela sala dos transformadores, 3 Cobertura percorível, 5 Tuneis, 6 Pala, 8 Sala dos transformadores, 9 Sala do combustível, 10 Sanitários, 11 Jardim de Cobertura, 12 Pérgula de vidro, 13 Tanques, desenho 37 (elaborado pelo autor)

A **sala do combustível** tem atualmente um grande depósito em ferro com 8 metros de comprimento e capacidade para mais de 30 mil litros. Pretende-se o desmantelamento de parte dele, e o restante será integrado de forma a se perceba a função daquela sala, a sua dimensão e a sua materialidade. Esta sala será ideal para projeções, dado a inexistência de janelas, e também para exposição de peças mais sensíveis à humidade ou vento. Constituirá o fim do circuito e a saída far-se-á pela porta existente para o exterior.

Este projeto engloba também os dois edifícios anexos, a **oficina**, que será convertida em sanitários abertos tanto ao público do museu como do parque, e a **casa do porteiro**, que é extremamente pequena e abrigará algumas partes técnicas, nomeadamente quadros elétricos, podendo manter ou não a sua função original de posto de guarda do parque. Este edifício será mantido sobretudo pelo interesse de manter a representação histórica.



Figura 124 MCE – corte N1, desenho 30(elaborado pelo autor)

A possibilidade de a central retornar à produção de energia, apenas através de energia hídrica, é equacionada. Exemplo da retoma de funcionamento é a Central em Zelina, na República Checa, referida anteriormente. Embora se saiba da pouca viabilidade económica para a reativação, dado a sua escala reduzida e o custo de restauro para funcionamento, esta seria uma grande mais-valia para a vertente didática. Contudo, este deverá ser sempre um espaço aberto ao público, conciliado a vertente funcional com a museológica, permanecendo como “motor” para atividades didáticas sobre o tema energético. Esta implementação seria possível com poucas mudanças no projeto, dado a existência de calhas técnicas que permitem uma atualização da central sem implicar a sua desfiguração, e os novos quadros e painéis elétricos, atualmente muito mais compactos, podem ser instalados na sala dos transformadores, ficando assim patente aos visitantes o contraste entre o painel elétrico com quase 100 anos e os atuais, obrigando apenas a uma ligeira alteração do trajeto do visitante, que passará e entrará pela outra porta, e à introdução de uma divisão em vidro na sala.

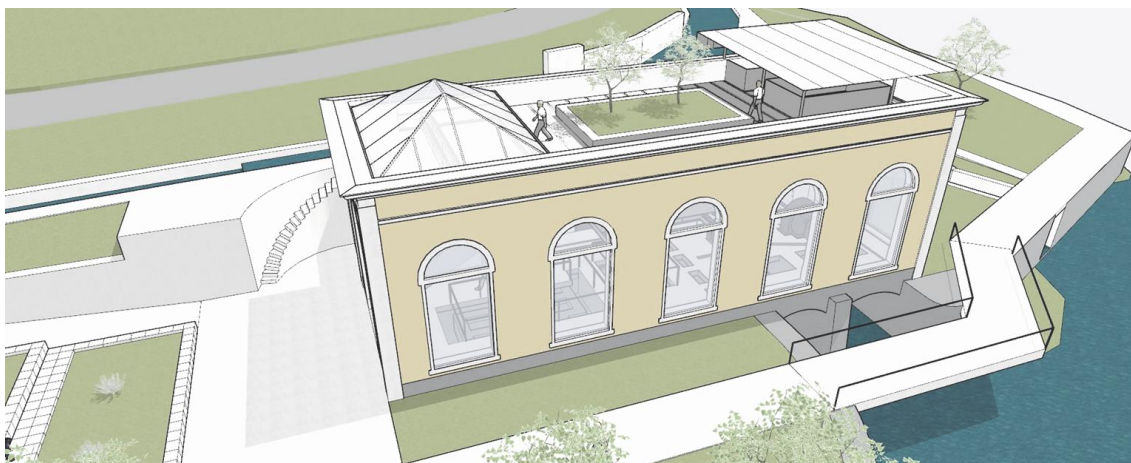


Figura 125MCE – modelação tridimensional da cobertura (elaborado pelo autor)

4.3. Projeto Espaço Araújo Guimarães

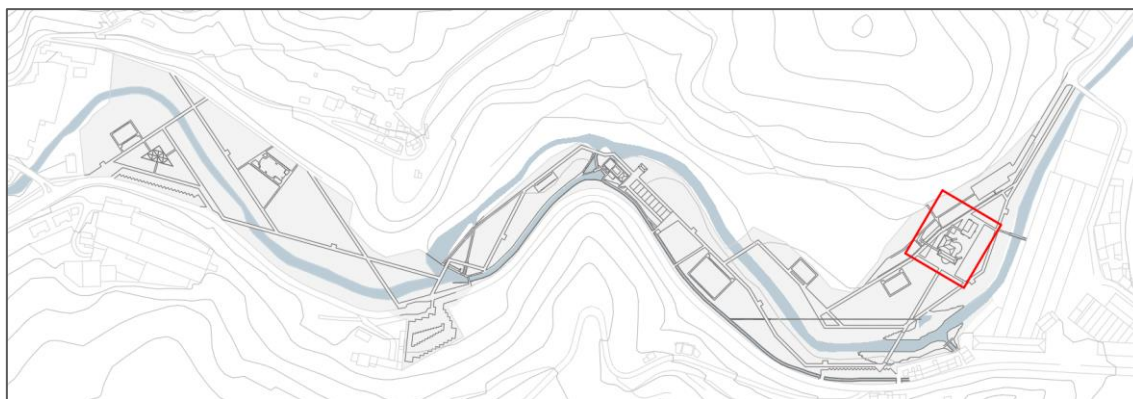


Figura 126 EAG - Localização do Espaço A. Guimarães em relação ao Parque COFTA (elaborado pelo autor)

O projeto **Espaço Araújo Guimarães** é composto por dois edifícios, a Assistência Araújo Guimarães e o antigo Posto de Transformação Elétrica que iremos chamar **edifício anexo**. Pretende-se reabilitar estes edifícios e convertê-los em café, biblioteca, sanitários, museu, residências artísticas e espaço expositivo. A Assistência Araújo Guimarães foi inaugurada em 1936 e o Posto de Transformação Elétrico ainda na segunda metade do século XIX, acredita-se que na década 60/70, e encontram-se sem função há pelo menos 24 anos.

Este projeto está interligado com Projeto Parque COFTA no capítulo 4.1, identificado como C1, situado na zona C, edifício 1, onde será possível a compreensão da sua envolvente.

Apostou-se na reabilitação destes dois edifícios como um conjunto, evitando com isso a duplicação de serviços, unindo-os através de um conjunto de pontes, que iniciam e terminam no solo exterior passando pelos dois edifícios. Este conjunto de pontes em betão armado permite garantir acessibilidade a todos os edifícios, enquanto cria um sem fim de possibilidades de articulação dos espaços.



Figura 127 EAG - Modelação Tridimensional, Pontes (elaborado pelo autor)

A Assistência Araújo Guimarães (AAG) está atualmente completamente entaipada, o que impossibilitou aceder ao seu interior, contudo, através da foto da construção, com a observação da cobertura, foi possível perceber as paredes estruturais. As aberturas nas paredes estruturais interiores, identificáveis através de fotografia, foram mantidas. O antigo Posto de Transformação nada tem para além de paredes, exteriores e interiores, e janelas, o que acabou por facilitar o seu levantamento.

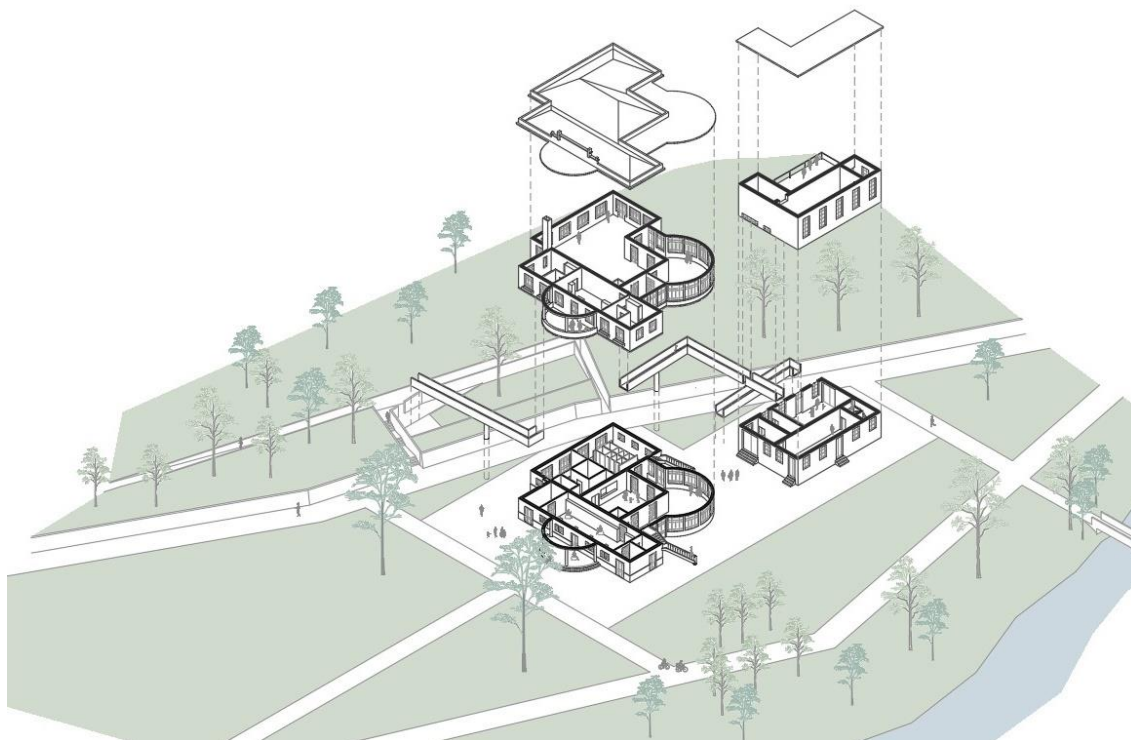


Figura 128 EAG – Axonometria, desenho 46 (elaborado pelo autor)

Ambos os edifícios já sofreram alterações pontuais nos vãos e, no caso do AAG, foi ainda adicionada uma escada. É nossa intenção repor, neste caso específico, a originalidade dos edifícios, dado as alterações serem claramente distinguíveis e desfigurarem a fachada original, que está registada em documentos consultados.



Figura 129 AAG - alterações na fachada (fotografia do autor)



Figura 130 PTE – alterações na fachada (fotografia do autor)

O edifício AAG será dotado no **piso térreo** de: uma pequena **biblioteca** cuja sala de leitura se pode prolongar para o exterior, tirando partido do alpendre; o **café**, que poderá servir pequenas refeições e tirar proveito de mais duas zonas para além do seu espaço interior, uma delas é a marquise aberta a todo o público, com uma vista de 180 graus, a outra é o espaço exterior que poderá utilizar como explanada; e **sanitários** com acesso pelo interior e exterior, servindo este núcleo e o parque.

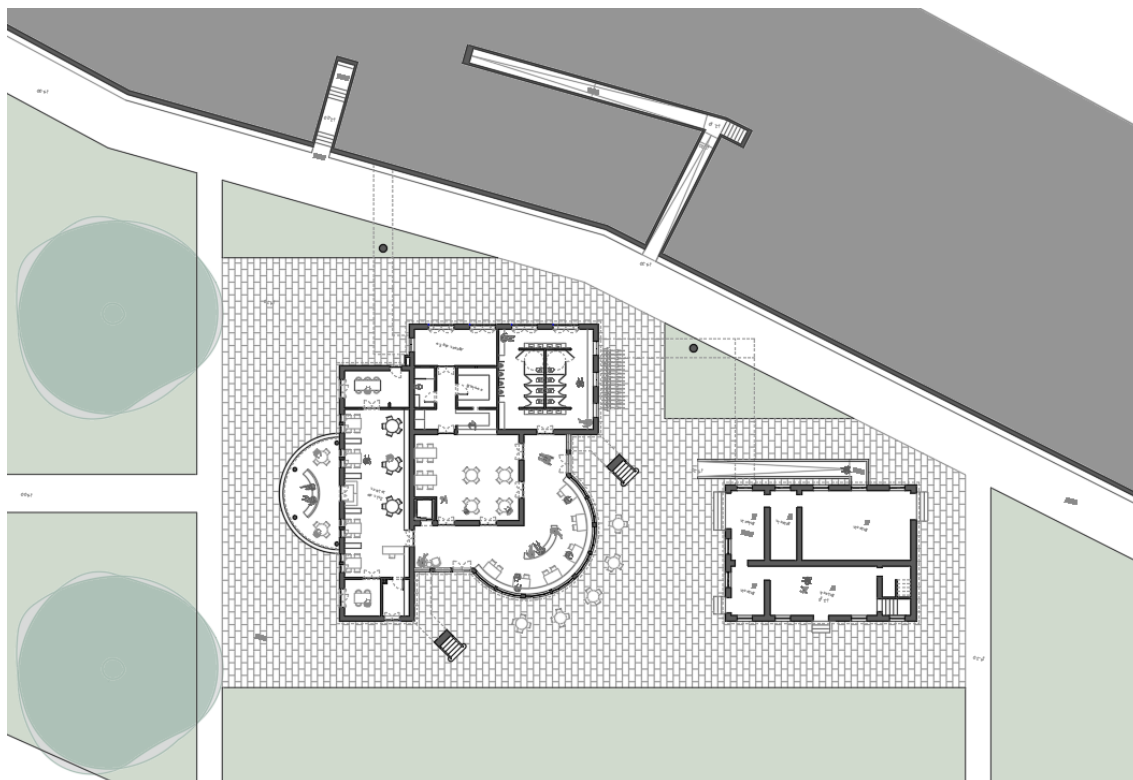


Figura 131 EAG - planta Piso Térreo, desenho 49 (elaborado pelo autor)

O **piso superior**, provido de 4 acessos, duas escadas já existentes e originais, uma rampa e um elevador, abrigará a **Residência Artística** com duas suítes e sala/cozinha partilhadas, o **Museu COFTA** com 167 m² expositivos, e ainda a marquise superior que poderá ser usada como prolongamento do espaço expositivo ou como **oficina de trabalho**. Não se pretende que o território expositivo se restrinja ao espaço do Museu COFTA, mas que passe essa fronteira e se estenda aos restantes espaços, e é neste sentido que o conjunto de pontes assume uma grande importância. As pontes permitem que este espaço se ligue com um espaço no exterior que poderá ser utilizado para diversas manifestações artísticas e ainda com o edifício anexo que será um espaço expositivo.



Figura 132 EAG - alçado Sul, desenho 53 (elaborado pelo autor)

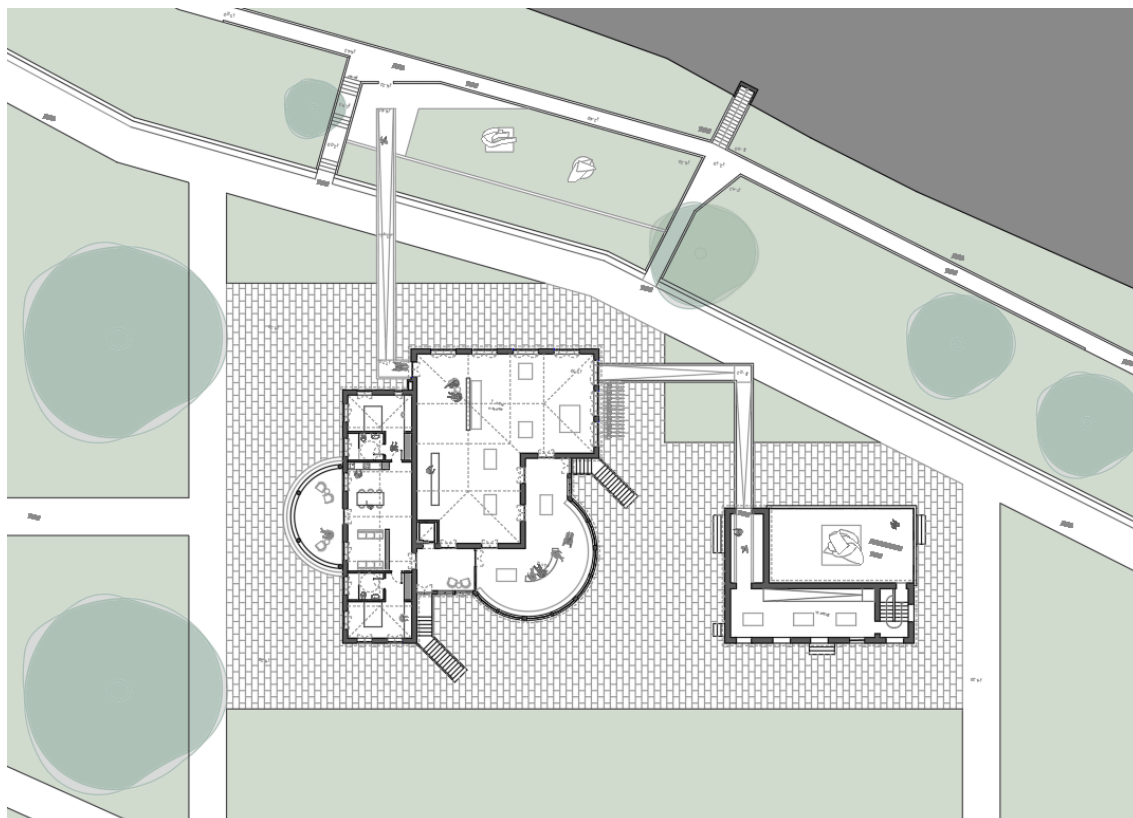


Figura 133 EAG - planta Piso 1, desenho 48 (elaborado pelo autor)

O **edifício anexo** será um espaço expositivo que conta com 6 salas bastante diferentes, com pés direitos diversos, sendo que a mais alta ultrapassa os 8 metros de altura e está pensada para funcionar em conjunto com o museu COFTA ou em modo independente.



Figura 134 EAG - corte N1, desenho 56 (elaborado pelo autor)



Figura 135 EAG - corte N2, desenho 57 (elaborado pelo autor)



Figura 136 EAG – modelação tridimensional (elaborado pelo autor)



Figura 137 EAG - modelação tridimensional, Alçado Norte (elaborado pelo autor)

05 Conclusões finais

Este trabalho teve como ponto de partida a reabilitação de um edifício quase centenário, a Central Gerador de Eletricidade. Ao se perceber o seu contexto, história e potencial rapidamente se decidiu alargar a intervenção à sua envolvente. Esta dissertação abarcou assim uma área de mais de 9 hectares de parque urbano e a reabilitação de três edifícios da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça, que iniciou funções há quase 150 anos e laborou por mais de um século.

O “**Conjunto COFTA**”, composto por três projetos interligados, vai permitir uma valorização de todo aquele vale, criando estacionamento e acessos, aproveitando a rede hídrica e recuperando os açudes e levadas. Este projeto procura devolver aos alcobacenses o usufruto de um lugar que, para além das suas qualidades espaciais, é significativo para a sua cultura fazendo com que a história COFTA perdure para as próximas gerações.

O projeto “**Parque COFTA**” tentou tirar partido da várzea do rio Alcoa criando um parque urbano que pretende ser um espaço fluido, apesar dos constantes atravessamentos do rio Alcoa, em que o principal elemento de destaque é a natureza e a água, seja em conduta, levada ou rio. Com mais de 1,4 km, é acompanhado pelo rio Alcoa e por vários pontos de atividades e serviços que procuram atender às necessidades lúdicas de uma população cada vez mais citadina.

O projeto “**Museu Central Elétrica**” pretende preservar e reabilitar a antiga Central Geradora de Eletricidade, através de intervenções pontuais e reversíveis e atribuir ao edifício outros significados e outras funções. O museu será agora dotado de novos espaços e novos momentos que irão permitir uma melhor perceção do funcionamento desta central, de que é exemplo a cobertura percorrível com vista panorâmica sobre o percurso da água e do Parque COFTA.

O Projeto “**Espaço Araújo Guimarães**” consiste na reabilitação de dois edifícios da Companhia trabalhados como se fossem um só, através de um conjunto de pontes, que os liga entre eles e com o exterior, permitindo uma maior abertura para os espaços externos e para com o público.

Desde que se iniciaram as primeiras pesquisas até à entrega desta dissertação passou mais de um ano, período em que se agudizou a urgência da reabilitação de toda aquela

área e dos edifícios abandonados. Já na fase final desta dissertação, em fevereiro de 2022 houve necessidade de rescrever um parágrafo que referia que parte do núcleo fabril estava convertido numa central de engarrafamento de bebidas e que o restante se encontrava mais degradado e provavelmente seria reabilitado conforme a evolução das necessidades da empresa, mas esta última parte teve que ser substituída dado que esses edifícios foram arrasados recentemente. Mas tudo isto veio reforçar a importância deste trabalho, mostrando que a história da COFTA, uma parte da história do concelho, que levou 123 anos a escrever, levou apenas 24 anos a ser reduzida a muito pouco. É por isso de extrema importância um projeto desta natureza para reabilitar e preservar um património tão importante para os alcobacenses.

Este trabalho foi importante para o reforço do meu conhecimento pessoal sobre a cultura industrial, sobretudo no concelho de Alcobaça entre as décadas 70 e 90. Constituiu uma mais-valia para uma vertente complementar da minha formação académica ao reforçar a importância da pesquisa, nomeadamente quando tratamos de edifícios com relevo histórico e arquitetónico. Também desenvolveu em mim uma maior sensibilidade para o tema da adaptação de edifícios a novos usos, e a novas legislações, procurando tirar partido das suas características arquitetónicas essenciais. Esta preocupação, que se estende às qualidades do lugar e aos ambientes exteriores, despertou-me ainda para a importância do percurso e do encadeamento de diferentes atmosferas, aproximando-me da noção de *promenade architecturale* formulada por Le Corbusier, noção que procurei aplicar de diversos modos neste projeto.

06 Bibliografia

Al Fay Park / SLA. (20 de 04 de 2021). Obtido em 21 de 03 de 2022, de ArchDaily:
https://www.archdaily.com/960284/al-fay-park-sla?ad_medium=gallery

Câmara Municipal de Alcobaça. (Agosto de 2020). "Confluencia", Boletim informativo da Câmara Municipal de Alcobaça. 16.

Camargo, L. C. (06 de 12 de 2021). LE CORBUSIER E A CONSTRUÇÃO DA PROMENADE ARCHITECTURALE. *Revista Faculdades do Saber*, 868-883.

Carvalho, L. (2008). *Fios que teceram a cidade: historia de Companhia Da Fiação E Tecidos De Alcobaça*. Alcobaça: Município de Alcobaça.

Carvalho, M. L. (2002). *A Central Eléctrica da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça: Um Testamento Ímpar da Industrialização e Urbanização da Vila e da Região (Dissertação de Mestrado)*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

CN10 architetti. (27 de 05 de 2015). *Torre del Borgo / Gianluca Gelmini*. Obtido em 21 de 03 de 2022, de archdaily: https://www.archdaily.com.br/br/767461/torre-del-borgo-gianluca-gelmini?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user

Cordeiro, J. P. (2015). *Voltar ao rio para (re)descobrir a porta de Alcobaça para o mar: Uma proposta para o território do rio Alcoa na antiga Lagoa da Pederneira (Dissertação de mestrado)*. Universidade de Coimbra, Coimbra.

d'Azevedo, R. C. (22 de Junho de 2017). "Os Americanos de São Martinho do Porto". *Jornal de Leiria*.

Direção Regional de Cultura do Norte. (s.d.). *Intervenções e Obras no Património*. Obtido em 24 de 02 de 2022, de Cultura Norte: <https://culturanorte.gov.pt/servicos/intervencoes-e-obras-no-patrimonio/>

Enota. (31 de 05 de 2015). *Promenada / Enota*. Obtido em 21 de 03 de 2022, de ArchDaily: <https://www.archdaily.com/636611/promenada->

enota?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-
show&ad_content=current-user

Ferreira, L. P. (2017). *Planeamento Intermunicipal: o rio Alcoa como eixo de cooperação entre a cidade de Alcobaça e a vila da Nazaré (Dissertação de mestrado)*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Fracalossi, I. (06 de 11 de 2013). *Clássicos da Arquitetura: SESC Pompéia / Lina Bo Bardi*. Obtido em 21 de 03 de 2022, de archdaily: <https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi>

Imprensa Comercial. (Março de 1876). "Uma Digressão Alcobaça em Março de 1876". *Imprensa Comercial*.

INE. (2021). *INE*. Obtido em 16 de Fevereiro de 2022, de censo 2021: https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html

Maduro, A. V. (dezembro de 2016). Património industrial dos antigos coutos de Alcobaça. *O Ideário Patrimonial*(7), 44-56.

Maduro, A. V., & Rasquilho, R. (2021). *Um Mosteiro entre os rios. O território alcobacense*. Leiria.

Mosteiro de Alcobaça. (s.d.). *Alcobaça*. Obtido em 16 de 02 de 2022, de Mosteiro de Alcobaça: http://www.mosteiroalcobaca.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=188&identificador=at72_pt.doc

Mosteiro de Alcobaça. (s.d.). *Município*. Obtido em 16 de Fevereiro de 2022, de Mosteiro de Alcobaça: <http://www.mosteiroalcobaca.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=190>

Mosteiro de Alcobaça. (s.d.). *Pós-Cister*. Obtido em 22 de 03 de 2022, de Mosteiro de Alcobaça: http://www.mosteiroalcobaca.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=212&identificador=at25_pt.doc

Município de Alcobaça. (s.d.). *Identidade e Marcas*. Obtido em 16 de Fevereiro de 2022, de Município de Alcobaça: <https://www.cm-alcobaca.pt/pt/menu/938/identidade-e-marcas.aspx>

Projeto de Reutilização da Água do Sydney Park / Turf Design Studio, Environmental Partnership, Alluvium, Turpin+Crawford, Dragonfly and Partridge. (09 de 12 de 2016). *Projeto de Reutilização da Água do Sydney Park / Turf Design Studio, Environmental Partnership, Alluvium, Turpin+Crawford, Dragonfly and Partridge*. Obtido de Archdaily: https://www.archdaily.com.br/br/801085/projeto-de-reutilizacao-da-agua-do-sydney-park-turf-design-studio-environmental-partnership-alluvium-turpin-plus-crawford-dragonfly-and-partridge?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user

Tavares, J. P. (2003). Riscos naturais na Alcobaça Cisterciense. *Territorium: Revista de geografia física aplicada no ordenamento do território e gestão de riscos naturais*(10), pp. 9-44.

Tavares, P. (27 de Setembro de 2016). *Visita ao túnel Duarte Pacheco no Dia Mundial do Turismo*. Obtido em 16 de 02 de 2022, de Município de Alcobaça: <https://www.cm-alcobaca.pt/pt/noticias/3481/visita-ao-tunel-duarte-pacheco-no-dia-mundial-do-turismo.aspx>

Teixeira Da Silva, A. (Maio de 2014). *RIO ALCOBAÇA (ALCOA e BAÇA)*. Obtido em 16 de 02 de 2022, de Farol da Nossa Terra: <http://www.faroldanossaterra.net/2014/05/17/rio-alcobaca/>

TJAD Original Design Studio. (30 de 05 de 2021). *Pit Art Space / TJAD Original Design Studio*. Obtido em 29 de 05 de 2022, de archdaily: https://www.archdaily.com/962282/pit-art-space-tjad-original-design-studio?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user

07 Desenhos Técnicos

Este capítulo engloba dois subseparadores, a **tabela resumo** dos desenhos técnicos e **peças desenhadas** num total de 68 folhas de desenho técnico.

7.1. Tabela resumo

Segue-se uma tabela resumo dos mesmo em que é nomeando a sua numeração de desenho, projeto, localização (definida no desenho 2, 3 e 4), tipo (planta, corte, alçado e axonometria) e escala.

Desenho n ^o	Projeto	Localização (zona grupo)	Tipo	Escala	
1	Geral (Conjunto COFTA)	Geral	Planta	1/1500	
2		A	Planta	1/500	
3		B	Planta	1/500	
4		C	Planta	1/500	
5	Parque COFTA	A1	Axonometria	s.e.	
6			Planta de cobertura	1/100	
7			Planta Térrea	1/100	
8			Alçado Norte	1/100	
9			Alçado Oeste	1/100	
10			Alçado Sul	1/100	
11			Alçado Este	1/100	
12			Corte	1/100	
13		B4	Corte N1	1/100	
14		B4	Corte E1	1/100	
15		C1, C2 e C5	Corte	1/200	
16		C2	Corte	1/100	
17		C1, C2 e C5	Corte	1/200	
18			Corte	1/100	
19		Museu Centra Elétrica	B1	Axonometria	s.e.
20				Planta de Cobertura	1/100

21	Museu Centra Elétrica	B1	Planta P2	1/100	
22			Planta P1	1/100	
23			Planta Po	1/100	
24			Planta P-1	1/100	
25			Plantas Anexos	1/100	
26			Alçado Norte	1/100	
27			Alçado Oeste	1/100	
28			Alçado Sul	1/100	
29			Alçado Este	1/100	
30			Corte N1	1/100	
31			Corte N2	1/100	
32			Corte N3	1/100	
33			Corte O1	1/100	
34			Corte O2	1/100	
35			Corte S1	1/100	
36			Corte S2	1/100	
37			Corte E1	1/100	
38			Corte E2	1/100	
39				Amarelos e Vermelhos, Planta de cobertura	1/100
40				Amarelos e Vermelhos, Planta P1	1/100
41				Amarelos e Vermelhos, Planta Po	1/100
42				Amarelos e Vermelhos, Anexos, Planta Cobertura + Po	1/100

43	Museu Centra Elétrica	B1	Amarelos e Vermelhos, Alçado Oeste	1/100
44			Amarelos e Vermelhos, Corte N2	1/100
45			Amarelos e Vermelhos, Corte O1	1/100
46	Araújo Guimarães	C1	Axonometria	1/100
47			Planta de Cobertura	1/200
48			Planta P1	1/100
49			Planta Po	1/100
50			Alçado Este	1/100
51			Alçado Norte	1/100
52			Alçado Oeste	1/100
53			Alçado Sul	1/100
54			Corte E1	1/100
55			Corte E2	1/100
56			Corte N1	1/100
57			Corte N2	1/100
58			Corte O1	1/100
59			Corte O2	1/100
60			Corte O3	1/100
61			Corte S1	1/100
62			Amarelos e Vermelhos, Planta de cobertura	1/100
63	Amarelos e Vermelhos, Planta P1	1/100		

64	Araújo Guimarães	C1	Amarelos e Vermelhos, Planta Po	1/100
65			Amarelos e Vermelhos, Alçado Norte	1/100
66			Amarelos e Vermelhos, Corte E1	1/100
67			Amarelos e Vermelhos, Corte E2	1/100
68			Amarelos e Vermelhos, Corte N1	1/100

7.2. Peças desenhadas